

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES

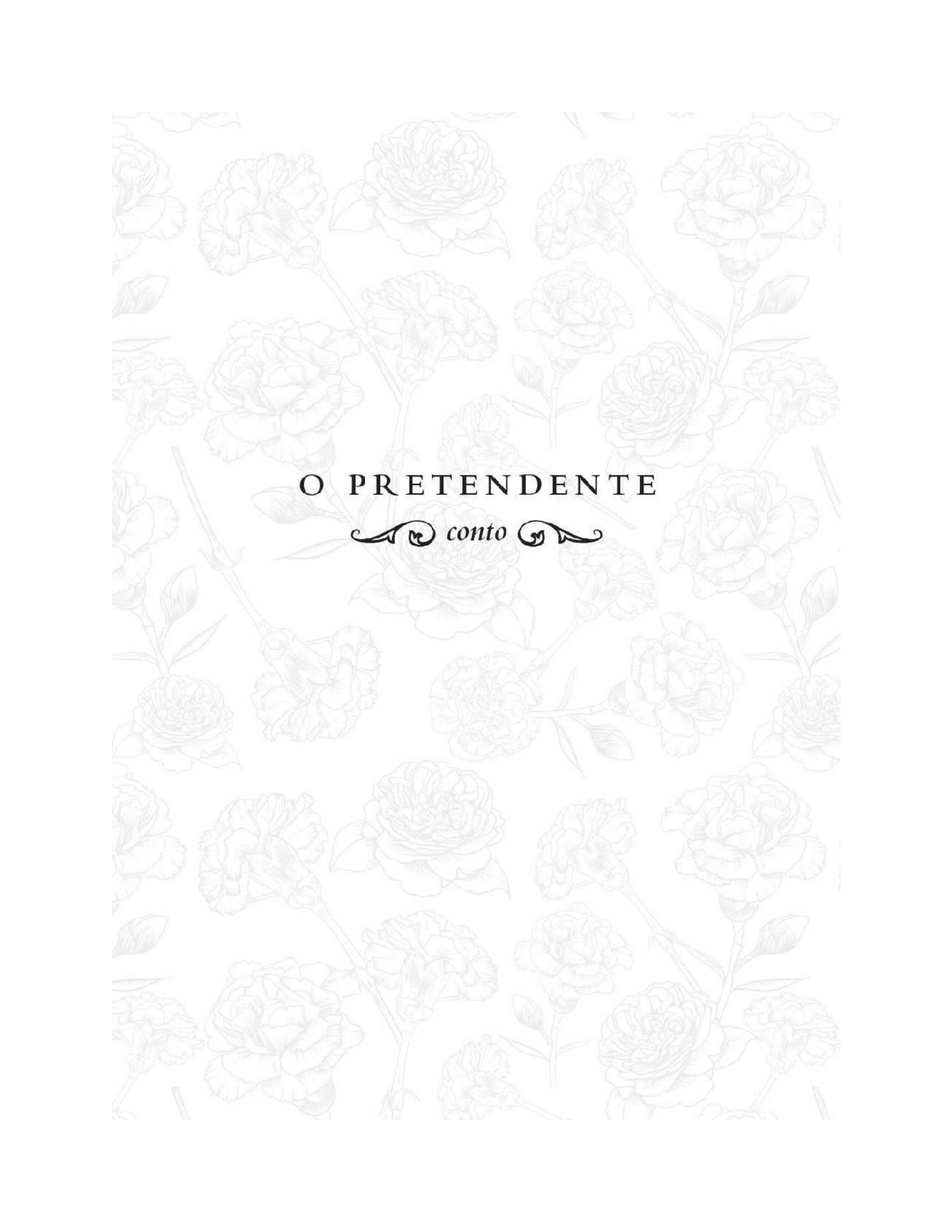
O PRETENDENTE

conto



ARQUEIRO





O PRETENDENTE

contos



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES

O PRETENDENTE

conto



Star Books Digital

<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

Título original: *The Suitor*

Copyright © 2013 por Mary Balogh
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

O pretendente foi publicado originalmente apenas na versão e-book, nos Estados Unidos, pela Dell Books, uma marca da Random House, divisão da Random House LLC, em 2013.

tradução: Lúcia Brito *preparo de originais:* Fernanda Martins *revisão:* Rebeca Bolite e Sheila Louzada
diagramação: Carolina Araújo | *Ilustrarte Design capa:* Renata Vidal

imagens de capa: Lee Avison/ Trevillion Images (foto);
pikisuperstar/ Freepik (fundo floral);
Annie Sauvage (ornamento camafeu)

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

Balogh, Mary

O pretendente [recurso eletrônico] / Mary Balogh; tradução de Lúcia B
- 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2019.

recurso digital (Clube dos Sobreviventes; 1.5) Tradução de: *The Suitor*
Formato: ePub

"MEB"

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World
Wide Web

ISBN 978-85-8087-980-1 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2.
Livros eletrônicos. I. Brito, Lúcia. II. Título. III. Série.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Sobre a autora

Conheça outros livros de Mary Balogh

Informações sobre a Arqueiro

CAPÍTULO 1



Philippa Dean estava sentada de lado no assento de janela estofado do quarto, seu local favorito na casa que o pai havia alugado em Londres para a primavera, a fim de que ela pudesse ser apresentada à sociedade. Os pés estavam unidos à frente e a mão direita, que segurava uma carta aberta, repousava sobre o joelho. A outra carta jazia esquecida no colo. Ela fitava o jardim lá embaixo, embora não estivesse realmente vendo nem as flores, nem a grama, nem as árvores.

O que se via era um futuro repleto de felicidade.

E aquele exato momento era o começo desse futuro. Aquele era o dia mais feliz de sua vida.

Ergueu a mão e olhou a carta de novo, embora já soubesse o texto de cor depois de tê-la lido no mínimo umas dez vezes.

Julian estava vindo para Londres.

Chegaria em uma semana, talvez um pouco mais. Certamente não mais do que duas.

E, quando papai o visse de novo, descobriria as mudanças que dois anos haviam forjado e não teria mais nenhuma objeção a ele como pretendente da filha. Julian teria permissão para cortejá-la publicamente e, depois de um intervalo decente, faria o pedido. Então se casariam e viveriam felizes para sempre.

Por um momento Philippa sentiu uma pontada de ansiedade, pois seu desejo ainda não fora alcançado, é claro, e, como vovó gostava de dizer, não era bom contar com os ovos antes que a galinha os pusesse. Mas ela se recusava a permitir que um velho ditado bobo abalasse seu estado de espírito. Havia esperado dois longos anos por esse momento, ou melhor, pelo momento que se aproximava.

Nada – com certeza! – poderia dar errado.

Julian *tinha* mudado. Também era inegavelmente um bom partido. E agora ela estava com 18 anos, em vez de 16. Estava em idade de se casar. De fato, tinha vindo a Londres exatamente por isso. Era a temporada social, e ela fora trazida à cidade para encontrar um marido apropriado.

Papai a amava, assim como mamãe. Queriam que ela arranjasse um *bom* casamento, é claro. Ela era a mais velha de cinco filhos; todos precisariam ser adequadamente encaminhados nos próximos anos, e papai, apesar de bem de vida, não era riquíssimo. Mas igualmente importante para os pais era que ela tivesse um casamento em que suas afeições fossem contempladas, um casamento em que ela fosse feliz. Havia dito isso repetidas vezes.

Philippa inclinou a cabeça para o lado, repousando-a no vidro da janela. Suspirou fundo, feliz.

Julian estava chegando – lá da Cornualha. Ela o veria de novo. Fechou os olhos e lembrou do corpo alto e ágil, do rosto bonito e vivaz com o sorriso levemente torto, dos olhos escuros, muitas vezes intensos, dos cabelos castanhos sempre desgrenhados de um jeito atraente, como se ele tivesse acabado de correr ao vento. Será que essas lembranças correspondiam à realidade?, ela às vezes se perguntava. Dois anos era um tempo horivelmente longo. Será que ele tinha mudado? Como estaria agora?

Será que ele acharia que *ela* havia mudado? Philippa esperava que sim, pois havia crescido desde que se viram pela última vez. Na ocasião era uma menina. Agora era uma mulher.

Olhou a carta, leu-a mais uma vez e a dobrou bem, da forma como havia chegado, dentro da correspondência de Barbara. Barbara Redford, a amiga mais próxima de Philippa em Bath, era prima de Julian por parte de mãe. Fora por intermédio dela que os dois haviam se conhecido e depois trocado cartas por dois anos, uma correspondência clandestina e condenável entre um cavalheiro solteiro e uma jovem que nem havia saído da sala de aula.

Philippa esperava que, quando *ela* tivesse filhas da idade que tinha agora, lembrasse que era possível se apaixonar com uma devoção tão resoluta que continuaria inabalável por toda a vida. Seu amor por Julian não diminuía nem um pouco em dois anos. Nem o dele por ela. Ele escrevera religiosamente todos os meses, embora qualquer um soubesse que escrever cartas não era um hábito comum entre os homens.

Ela puxou os pés para um pouco mais perto do corpo e passou os braços em volta dos joelhos. Olhou com mais atenção para as flores da primavera que desabrochavam no jardim.

Philippa ficara deslumbrada com o esplendor da corte ao fazer seu *début* duas semanas antes, e seu baile de apresentação à sociedade fora mais maravilhoso do que poderia imaginar. Havia dançado todas as músicas e recebera nada menos que oito buquês de flores na manhã seguinte. Só teria sido mais perfeito se Julian estivesse lá, mas ele achara mais sensato esperar um pouco antes de ir a Londres. Os pais dela poderiam ficar desconfiados se ele aparecesse cedo demais, escrevera Julian. Na verdade, poderiam nem tê-lo convidado para o baile, já que o pai dela ficara *muito* contrariado com ele dois anos antes. Isso teria sido horrível. Desastroso.

Agora ele estava chegando – antes que os admiradores de Philippa pudessem se transformar em pretendentes sérios e complicar tudo.

Ela se perguntou a que baile ele escolheria ir primeiro. Considerou que vestido usaria para a ocasião e como pentearia o cabelo.

Mas os pensamentos felizes foram interrompidos por uma batida à porta do quarto. A mãe entrou sem esperar por um convite. Philippa sorriu enquanto dobrava a carta de Barbara em torno da de Julian e as enfiava debaixo da almofada em que estava sentada.

A mãe parou antes de se aproximar.

– Ah, Philippa, você está com uma aparência *tão* boa. Parece radiante, embora tenhamos chegado em casa depois das duas da manhã. Está se divertindo, não está?

– Estou, mamãe. Mais do que nunca.

– Se você está feliz *agora* – disse a mãe sorrindo maliciosamente –, espere até eu contar o que o correio da manhã trouxe para seu pai. Philippa, o que você acharia de ser *viscondessa*? Viscondessa Darleigh.

Philippa olhou petrificada para a mãe, o sorriso congelado enquanto vasculhava a memória.

– Não conheço nenhum visconde Darleigh.

A mãe atravessou o quarto e se sentou na ponta da cama da filha.

– Ele mora em Middlebury Park, em Gloucestershire. É uma propriedade bastante famosa,

tanto pela magnífica mansão como pelo vasto parque com belas paisagens. E dizem que a fortuna do visconde é enorme. Ele é neto da Sra. Pearl.

A Sra. Pearl era amiga de vovó Dean em Bath. Embora tivesse se mudado havia algum tempo, lembrou-se Philippa, para morar com a filha na casa do neto.

Que era cego.

– Ele é cego, pobre cavalheiro – disse a mãe, afastando qualquer possibilidade de que Philippa estivesse enganada. – Perdeu a visão em batalha na Espanha ou em Portugal, onde era oficial de artilharia. Ainda é bem jovem. A mãe dele acha que está na hora de ele se casar.

Philippa umedeceu os lábios repentinamente secos.

– Mamãe...

– Seu pai recebeu um convite para todos nós passarmos uma semana ou duas em Middlebury Park. O pobre cavalheiro não tem condições de vir à cidade e não pode ser assoberbado por grupos muito grandes em casa. Somos os únicos convidados. A Sra. Pearl enviou uma carta com o convite. Ela assegurou a papai que, apesar de sua condição, o visconde é bonito e apresentável.

– Mamãe...

– Philippa. – A mãe se inclinou ansiosa na direção dela. – Essa é uma oportunidade *maravilhosa* para você. Um sonho tornado realidade. Você poderia estar noiva um mês depois do *début*, casada antes do final da temporada. Pense que sorte incrível seria. Poderíamos deixar a casa de Londres mais cedo e voltar para Bath. Você poderia ser a viscondessa Darleigh, senhora de Middlebury Park, mais rica e influente do que imaginaria em seus sonhos mais loucos. Você *teria* influência. Sem dúvida seu marido dependeria de você em todas as coisas. É lamentável, verdadeiramente trágico, que ele seja cego. Mas, se ele é bonito e apresentável, não duvido que você venha a se afeiçoar. Você sempre foi sensível e terna. É bondosa e gentil. Seria um partido fantástico para você. Mal acredito que possa ser verdade.

– Mas acabo de debutar. – Philippa estava quase sussurrando. – Mal comecei a fazer amigos aqui. Aceitamos convites para quase todos os dias no próximo mês. Mamãe, estou *feliz* aqui.

– Claro que está – concordou a mãe. – Você se saiu muito bem, e não duvido que, se ficássemos aqui, papai recebesse mais de uma oferta adequada por sua mão antes do final da temporada. No entanto, provavelmente *não* seria acompanhada de um título, de uma grande propriedade e de uma fortuna fabulosa. Você é de excelente berço e linhagem, tanto por parte de seu pai quanto pela minha, é claro, e papai pode oferecer um dote respeitável. E você é muito bonita. Mas, não sendo filha de um nobre nem possuir recursos suficientes, você sabe que não pode aspirar a um marido com um título ou uma grande fortuna. Ou ao menos não poderia na ordem habitual das coisas. Mas agora a oportunidade caiu em seu colo, e tudo isso e muito mais pode ser seu. Um triunfo como este não vale o sacrifício de algumas semanas da temporada? Talvez até a temporada inteira, se você for bem-sucedida? E não consigo ver por que *não seria*. Fomos convidados com o propósito específico de apresentar uma possível noiva para lordes Darleigh.

– Eu realmente preferiria permanecer aqui, mamãe...

– Philippa. – A mãe ficou de pé e deu alguns passos para mais perto dela. Parte do brilho desaparecera do rosto da jovem. – Você sempre foi uma boa menina, uma filha obediente e irmã amorosa. Pense no seu pai agora. Ele não é de conversar, nem mesmo comigo, mas sei que se preocupa com o futuro, com o fato de não ter condições de prover o que deveria para as meninas e para Everett e Oswald. Everett fala sobre seguir carreira militar depois de terminar a escola, e é claro que está interessado em um regimento de prestígio. E sempre presumimos que Oswald

entre para a igreja; nesse caso, terá alguns anos em Oxford ou Cambridge primeiro. Pense no que você poderia fazer por suas irmãs como lady Darleigh. Pense como seria triste para elas se não pudessem ter uma temporada como a sua, se não tivessem a oportunidade de conhecer maridos adequados. Philippa, por favor. Pelo bem de papai. Ele está tão satisfeito com essa oportunidade lisonjeira para você. E tão aliviado também.

Philippa sentiu-se fisicamente doente.

Julian deveria ter vindo no começo da temporada, afinal. *Ele* era um bom partido. Era neto do falecido duque de Stanbrook e sobrinho e herdeiro presumível do atual duque, seu tio, que perdera o único filho nas guerras e a esposa pouco depois, e assegurara a Julian que não teria outros filhos. E Julian tinha uma fortuna mais do que razoável independentemente de suas perspectivas futuras. Possuía uma propriedade considerável e fazendas na Cornualha que enfim prosperavam.

Ele era mais do que adequado, bastava conseguir convencer papai de que não era mais o jovem devasso, selvagem e endiabrado que tinha sido enviado para Bath dois anos antes, quando Londres ficou quente demais para ele. O mesmo endiabrado que fora descoberto sentado em Sydney Gardens em uma noite de gala segurando a mão de Philippa, então com 16 anos.

Mas isso tinha sido há dois anos. Há uma eternidade. Agora Julian era perfeitamente adequado e estava a caminho de Londres para cortejá-la e pedir a mão dela.

Entretanto, como ela poderia dizer isso à mãe? Até onde seus pais sabiam, Philippa não o tinha visto nem ouvido falar dele por dois anos. E, mesmo que dissesse que Barbara havia mencionado na carta daquela manhã que Julian viria a Londres, sua mãe ficaria muitíssimo descontente, pois se lembraria dele como ele era, ou como *parecia* ser, quando papai o mandara embora – e Philippa tinha sido enviada para o quarto para dois dias de reflexão em silêncio. E, mesmo que a mãe *não* ficasse descontente depois de todo esse tempo, não entenderia que Julian estava vindo porque havia amado Philippa resolutamente por dois anos e que o sentimento ainda perdurava, e porque ia convencer papai de que era um pretendente digno da mão dela, que dois anos tinham feito toda a diferença em seu caráter, posição e meios.

A mãe também não entenderia que *ela* havia amado *Julian* o tempo todo sem vacilar – mesmo durante as duas últimas semanas em que estivera rodeada de jovens cavalheiros bonitos, charmosos e adequados que poderiam facilmente ter virado sua cabeça.

Ela não podia dizer nada disso à mãe.

O que podia fazer? O que podia dizer?

Nada, é claro. Absolutamente nada.

– Quando devemos partir? – perguntou.

Talvez fosse um convite para o verão.

A mãe sorriu para ela de novo.

– Esta semana. Ah, meu amor, estou *tão* feliz por você. E Middlebury Park não é tão longe de Bath. Poderemos visitá-la depois do casamento. Não creio que a Sra. Pearl teria descrito o visconde como bonito e apresentável a menos que realmente fosse, já que saberemos por nós assim que chegarmos lá, não é? Creio que ele vai amar você, pois você é muito doce, e ele fica muito confinado na própria casa. E você vai se afeiçoar também. Sei que vai. É fácil amar as pessoas que dependem de nós, sabe? Nós amamos nossos filhos por essa razão, como você sem dúvida descobrirá por si em um ano ou dois.

Ela se inclinou e abraçou a filha, que a abraçou de volta – e foi preenchida do topo da cabeça à ponta dos pés com tristeza e total desespero. De repente aquele era o *pior* dia de sua vida.



O honorável Julian Crabbe fez uma pausa em Bath na jornada desde a Cornualha, onde planejava passar alguns dias com seu tio e tia. Lá interceptou uma carta cuja remetente temia que ele não a recebesse em absoluto. Ela a enviara dentro de um bilhete para Barbara, prima dele, com a tênue esperança de que chegasse à Cornualha antes de ele partir em viagem. Não era longa, mas o breve conteúdo foi devastador para as esperanças que o haviam sustentado por tanto tempo.

Philippa fora levada ainda na semana em que havia escrito para Middlebury Park, em Gloucestershire, onde seria apresentada como possível noiva para o visconde Darleigh, cego. Ela estava lá naquele momento.

A cautela de Julian havia sido sua desgraça – desgraça *deles*. Ele estava muito atrasado. Havia passado dois anos refazendo a vida, revertendo a merecida notoriedade que as transgressões juvenis haviam lhe garantido antes de deixar Londres para se recolher em Bath. Havia passado dois anos se transformando em alguém que os Deans considerariam digno de sua filha quando ela tivesse idade suficiente para se casar. Não tinha sido fácil, pois não o veriam como um estranho quando se apresentasse a eles, mas como o selvagem descarado que o Sr. Dean havia flagrado em Sydney Gardens um segundo antes de Julian perverter sua jovem filha. Pelo menos era o que o homem tinha pensado, e quem poderia culpá-lo? Philippa tinha 16 anos, ele era seis anos mais velho do que ela e dono de uma reputação maculada.

Julian estava *segurando a mão dela*. Não tinha intenção sequer de beijá-la. Estava bem ciente de que ela ainda era apenas uma colegial. Mas... Bem, havia a má reputação, e ele tinha sido totalmente responsável por adquiri-la.

Ele tinha sido um rapazote selvagem e imprudente que havia experimentado todos os vícios imagináveis – mas nunca tinha sido mulherengo. Esperava uma temporada tediosa em Bath, especialmente porque a prima Barbara mostrava uma tendência a ficar sempre por perto como se a chegada dele fosse a coisa mais excitante que já tivesse lhe acontecido. Mas Julian havia gostado dela mesmo assim e gostado ainda mais da amiga dela.

Philippa Dean era meiga, modesta, radiante, alegre e notavelmente bonita. Julian desfrutou de sua companhia por várias semanas, até que de repente lhe ocorreu que estava se apaixonando. Foi uma percepção alarmante e espantosa. Ela era jovem demais para a corte, e ele também. Mas ainda que não fossem, ele não estava em posição de cortejá-la. Mal tinha um centavo em seu nome.

Mas o amor, descobriu Julian, não seguia as leis da lógica.

Assim, quando o bom senso substituiu o espanto, ele decidiu deixar Bath e voltar para a Cornualha. Ele a levava a um local mais reservado após o concerto naquela grande gala lotada em Sydney Gardens a fim de se despedir – e então descobriu que os sentimentos de Philippa eram tão profundos quanto os dele. Mas nada aconteceria, ele havia decidido. Pegou a mão enluvada de Philippa para dizer adeus e, ironia das ironias, naquele exato instante o pai dela encontrou-os e tirou conclusões muito compreensíveis.

Poderia ter sido o fim. De todo modo Julian sentiu-se terrivelmente culpado por metê-la em apuros, pois não duvidava de que o fizera, e escreveu uma carta de desculpas que contrabandeou por intermédio de Barbara.

Ela escreveu de volta.

E assim começaram a correspondência secreta.

Ele nunca deixou de amá-la. Teria deixado sem as cartas? Supunha que fosse possível, até provável. Mas corresponderam-se, e assim havia o amor deles, agora com dois anos e de modo algum esmaecido. Pelo contrário.

Julian, todavia, tentou dar um desconto à juventude de Philippa, permitir que ela conhecesse outros cavalheiros aceitáveis antes que o visse novamente. Daí a decisão de não chegar cedo demais a Londres, quando ela enfim tinha 18 anos e estava prestes a debutar. Philippa deveria ter um tempinho, decidiu Julian, para descobrir se seu coração de fato era dele, como ela acreditava que fosse.

Não havia mais nenhuma questão sobre as qualificações dele, graças a Deus. As circunstâncias de sua vida haviam mudado, e isso o ajudou a se transformar. O pai havia morrido seis meses após o incidente em Bath, e Julian teve condições de começar a trabalhar na difícil tarefa de trazer de volta à propriedade e às terras na Cornualha algo parecido com o esplendor e a prosperidade de que desfrutavam antes do duque de Stanbrook, avô de Julian, deixá-las para o filho mais novo em testamento. Lorde Charles Crabbe, o pai de Julian, vivera uma vida de gastos e esbanjamento e negligenciara sua herança, exceto para sacar cada centavo dos aluguéis que extorquia de arrendatários cujas reclamações legítimas haviam sido ignoradas durante anos.

Julian havia trabalhado arduamente para reverter o resultado de um longo abandono e naquele ano esperava obter um lucro decente de suas fazendas e terras arrendadas, ainda que não fosse uma fortuna. O próximo ano traria retornos mais altos, e o ano seguinte ainda mais. Ele cuidaria pessoalmente disso.

Entretanto, mesmo agora Julian não estava sem fortuna. A avó materna, que morrera apenas um mês depois do pai, havia deixado metade de seu considerável patrimônio para a mãe dele e metade para ele. Assim, Julian tinha algo sólido com que convencer o Sr. Dean de que era um pretendente digno – bens provenientes do trabalho árduo e da riqueza herdada. E, é claro, havia as expectativas, pois seu tio, o atual duque de Stanbrook, não mostrara nenhuma inclinação para se casar de novo desde a morte de tia Miriam e, portanto, nenhuma inclinação para assegurar a sucessão em linha direta. Julian tinha a probabilidade de um futuro ducado para acenar ao Sr. Dean.

Mas agora tudo havia mudado. Ele havia esperado demais, e Philippa seria prometida ao visconde Darleigh.

– Você ficou branco – disse Barbara de seu lugar ao lado dele na mesa do café da manhã. Ela colocou a mão sobre a dele. – Más notícias. Eu sei. Ela me contou no bilhete.

Estavam sozinhos ali, os tios de Julian haviam se retirado da sala para tratar de seus afazeres.

– Ela dirá não – garantiu Barbara. – Vai se recusar a casar com ele e então voltará para Londres, onde você estará à espera.

– Não. – Ele redobrou o bilhete cor-de-rosa em suas oito dobras. – Já ouvi falar de Middlebury Park, Barbara. É uma das maravilhas da Inglaterra. O dono é um visconde, e não tenho dúvidas de que seja tremendamente rico. E está em busca de uma noiva. Philippa foi convidada para ir lá com a família especificamente para a inspeção dele. Ele não vai rejeitá-la nessas circunstâncias, vai? Ele se comprometeu, e os Deans também quando aceitaram ir até lá.

– Mas ele é *cego* – disse Barbara.

Julian pegou e desdobrou o bilhete outra vez.

“Não posso dizer não se ele fizer uma proposta”, Philippa havia escrito. “Não posso, Julian.

Mamãe enfatizou que é meu dever fazer isso pelo bem de papai. E é um dever por *amor*. Eu poderia resistir se ele fosse um tirano, ou se mamãe fosse. Mas não é o caso. E minhas irmãs estão empolgadas com a possibilidade de eu casar com um visconde e ter condições de patrocinar débuts deslumbrantes quando for a vez delas. Ah, Julian! Minha única esperança é que ele *não* proponha, e farei tudo em meu poder para garantir exatamente isso. No entanto, não sei como fazer, nem mesmo se *poderei* fazê-lo. Posso apenas tentar.”

Julian redobrou a carta com cuidado meticuloso e levantou-se.

– O que você vai fazer? – perguntou Barbara. – Vai voltar para casa?

Alguma coisa naquilo inquietava a mente de Julian. Ele levantou a mão para pedir um minuto e franziu a testa enquanto pensava. Darleigh. Cego. *Seria possível?*

– Durante as guerras, meu tio, o duque de Stanbrook, abriu a casa para oficiais que se recuperavam de ferimentos sofridos em batalha – disse Julian. – Ele perdeu meu primo nas guerras, você sabe, e depois tia Miriam. Suponho que esse era o jeito dele de se manter ocupado e... curar a si mesmo.

– Sim – disse Barbara. – Lembro de você nos contar.

– Alguns deles ficaram por vários anos. Um era cego e muito jovem. Gostaria de me lembrar do nome. Seria Darleigh? Por Deus, era. Lembro de meu pai certa vez fazer uma piada sobre “dileto Darleigh”. Era *ele*, Barbara. Não tinha o título quando foi para Penderris Hall. Recebeu-o depois. Foi quando meu pai fez a piada.

– E agora ele vai se casar com Philippa. Ah, Julian, sinto *muito*.

Ele olhou para ela, a testa ainda franzida.

– Middlebury Park. Não fica muito longe daqui. E eu estive com ele uma vez, quando fui a Penderris com meu pai.

– Em que você está pensando, Julian? – perguntou Barbara depois de um longo silêncio.

– Estou pensando que tenho um conhecido nas redondezas de Middlebury Park que venho querendo visitar faz tempo. Estou pensando que seria cortês passar por lá enquanto estou na vizinhança para prestar meus respeitos a lorde Darleigh, amigo de meu tio.

– Você tem um conhecido por perto? – perguntou ela, arregalando os olhos... e depois estreitando-os de novo. – Ah, é claro que não tem. Mas o que você espera conseguir indo lá, Julian?

Dar um murro na cara de Darleigh? Um cego? Grande crédito isso lhe renderia. Dar um murro na cara de Dean? Melhor ainda. Limparia sua reputação por toda a eternidade. Jogar Philippa sobre o seu cavalo e galopar para cruzar a fronteira rumo a Gretna Green? Um plano maravilhosamente maduro.

Mas ele tinha que ir. Não podia permanecer ali de braços cruzados ou voltar para a Cornualha enquanto todas as suas esperanças e sonhos – seu próprio ser – eram despedaçados sem que ele tivesse controle algum sobre isso.

– Não faço ideia – disse Julian à prima, sendo bem sincero.

CAPÍTULO 2



Middlebury Park de fato era uma mansão imponente, seu bloco central de pedra cinzenta era ladeado por alas compridas com torres redondas e altas em cada extremidade. Havia jardins formais na frente e, em uma das laterais, um lago e uma ilha após trechos gramados em declive, pontilhados por árvores antigas.

Era o suficiente para infundir terror mesmo no mais intrépido coração.

– Ah, Philippa – disse a mãe, a voz sussurrada pelo assombro enquanto a carruagem avançava pela estrada reta em direção à casa. – Você vai ser *dona* deste lugar.

– A proposta ainda não foi formalizada – disse o pai com mais cautela. Virou a cabeça e sorriu com carinho para a filha mais velha, estendendo a mão para apertar a dela, fria. – Mas sem dúvida será.

As duas irmãs de Philippa e a governanta vinham atrás em uma segunda carruagem. Philippa sentiu um desejo avassalador de estar com elas de novo, de volta à sala de aula, onde a vida era enfadonha, mas segura. Por um instante tentou imaginar como estaria se sentindo naquele momento se não tivesse conhecido Julian. Estaria cheia de expectativa e empolgada, mesmo com o visconde Darleigh sendo *cego*? Mas era uma pergunta impossível de responder, pois ela *conhecera* Julian, de modo que seu coração estava aflito e pesado de pavor.

As portas da frente se abriram e derramaram senhoras no momento em que as carruagens pararam no terraço. Philippa reconheceu no meio delas a Sra. Pearl, amiga da vovó e avó do visconde. Logo foram envolvidos em cumprimentos e apresentações, enquanto as meninas e a governanta foram conduzidas para o interior.

A Sra. Pearl apresentou-as à Sra. Hunt, sua filha e mãe do visconde, e às três irmãs dele, cujos nomes Philippa esqueceu no instante em que ouviu. Philippa tinha um sorriso radiante no rosto, e todas olhavam para ela com sorrisos idênticos e franca curiosidade. A Sra. Pearl conclamou a filha a concordar que não exagerara a beleza da senhorita Dean, e a Sra. Hunt declarou que de fato ela não o fizera.

Então foram levados para a sala de visitas, um cômodo magnífico com vista para o jardim, onde foram apresentados aos maridos das irmãs, e houve mais sorrisos, apertos de mão e reverências.

Então todos abriram espaço, pois havia outro cavalheiro mais afastado na sala, perto das janelas. Visconde Darleigh. Philippa ficou dolorosamente consciente da atenção de todos direcionada ao primeiro encontro deles.

Ela fez uma mesura e murmurou o nome dele.

Ele se curvou e murmurou o dela.

Ele tinha altura ligeiramente acima da média, era esguio e elegante. Tinha cabelos loiros ondulados e um rosto bonito e amável. Os olhos grandes e muito azuis eram – triste ironia – seu melhor atributo.

Philippa sentiu o coração pesar ainda mais – se é que isso era possível. Esperava um homem feio, grosseiro, mal-educado, desleixado e mal-humorado, embora a Sra. Pearl o tivesse descrito de modo bem diferente. Ela ainda assim teria sentido pena de tal homem, supôs, pois não conseguia imaginar aflição muito pior do que a cegueira. Mas pelo menos a mãe e o pai teriam reconhecido sua inadequação como marido para ela e encontrado uma maneira de resgatá-la. Afinal de contas, eles a amavam. Queriam um casamento feliz para ela, bem como vantajoso.

O visconde não era grosseiro. Começou a conversar com os pais dela, perguntando sobre a jornada, esperando que não tivesse sido tediosa. Desculpou-se por tirá-los de Londres no momento em que eles – e a Srta. Dean – deveriam estar aproveitando os entretenimentos sociais da temporada. Esperava que sua estada em Middlebury Park e a companhia de amigos compensassem o que perderiam na cidade.

O visconde Darleigh era charmoso, bonito e tinha a incrível capacidade de olhar na direção da pessoa com quem conversava quase como se pudesse enxergá-la. Andava com a ajuda de uma bengala, mas com uma confiança surpreendente. Era claro que aprendera a lidar com a cegueira pelo menos dentro dos limites da própria casa.

Se as circunstâncias fossem diferentes, Philippa admitiu ao longo do dia, ela poderia muito bem ter ficado feliz em se apaixonar por Vincent Hunt, visconde Darleigh.

Mas seu coração já estava comprometido.

Philippa notou algumas coisas interessantes no visconde, talvez porque estivesse observando-o bem de perto, esperando desesperadamente encontrar uma maneira de se safar de um casamento com ele. Ele não gostava de ser tratado como cego. A solicitude com que sua mãe e irmãs o tratavam o incomodava. Philippa não tinha bem certeza de como sabia disso, pois o visconde tinha o cuidado de sorrir e agradecer cada vez que faziam algo por ele. Mas ela *sabia*, assim como sabia que ele ficava irritado com a mudança no tom de voz delas sempre que falavam com ele. Falavam gentilmente, como quem se dirige a uma criança ou um inválido. Elas tendiam a usar as mesmas frases com bastante frequência – *entendo e não me importo* – para assegurar que cuidar dele não era problema algum. Philippa pôde ver os lábios dele contraindo-se ligeiramente a cada vez. Era incômodo para *ele*, se não para elas.

E, com o passar do primeiro e segundo dias, aumentou nela a suspeita de que a ideia de encontrar uma noiva, de fazer com que *ela* fosse lá para sua aprovação, não tinha sido do próprio. Ele tinha cinco parentes mulheres próximas – a mãe, a avó e as irmãs – que claramente o adoravam e dariam a vida por ele se tal sacrifício fosse necessário. O visconde era sufocado por elas. E agora queriam uma esposa para que *ela* também o sufocasse com amor e carinho.

Pobre cavalheiro!

Como Philippa poderia escapar de se tornar essa esposa? Como poderia estar de volta a Londres antes que Julian chegasse lá e fosse embora de novo? Será que sua carta tinha chegado a tempo, antes que ele partisse de casa? E se não tivesse? O que ele pensaria se chegasse a Londres e ela não estivesse lá? Eles haviam esperado dois anos. E a felicidade enfim estava quase ao alcance. Mas *quase* não era perto o suficiente. *Não conte com os ovos antes da galinha*. Ela desejou que a avó nem sempre fosse tão certa com os velhos ditados.

O problema é que a estada em Middlebury Park estava sendo realmente bom. Era bom ser

enfim tratada como adulta, ser incluída nas conversas, ter os comentários e opiniões solicitados e ouvidos.

Mas com excessiva frequência ela era empurrada para a companhia exclusiva do visconde Darleigh, mesmo que estivessem em um recinto com outras pessoas, como quase sempre estavam. Mamãe era sempre meticulosa quanto ao fato de ela estar devidamente acompanhada. Mas todos, inclusive a mãe, inventavam maneiras de fazer com que os dois conversassem quase em particular.

Ela ficava sem fala e sem fôlego com ele, como não ficava com todos os demais, e incapaz de pensar em qualquer coisa, exceto as mais banais para dizer. Quando deu por si, estava simplesmente concordando com o que ele falava. O problema era ele ser cego? Ou o fato de que ela não queria encorajar as investidas dele? Ou de que ela com certeza teria gostado do visconde se não tivesse que se casar com ele? Mas o grande desconforto que sentia na presença daquele homem acabou por lhe dar uma ideia. Uma ideia bastante desonrosa que ainda assim evoluiu para um plano concreto.

Claro, ela *poderia* ter dispensado um plano e simplesmente contado a verdade. Ela estava quase certa de que ele ficaria aliviado, de que ele não queria se casar com ela tanto quanto ela não queria se casar com ele. Mas estar *quase* certa era o suficiente?

E se ela estivesse errada?

Então colocou o plano em prática.

Começou a concordar com ele de propósito sobre tudo. Passou a falar lentamente e a usar um tom de atenção silenciosa, como a mãe e as irmãs faziam. Sempre que possível, oferecia ajuda quando sabia que ele não precisava.

Ela se sentiu péssima. E logo percebeu que não estava errada na impressão sobre ele. A cortesia gentil e sorridente era em grande parte um escudo por trás do qual Vincent escondia as frustrações, talvez até mesmo a raiva, de um homem que não podia enfrentar o mundo em igualdade com os demais. O que a espantava era como todos os demais não haviam notado.

Ela poderia ter tentado ser amiga dele. Uma amiga era do que ele precisava naquela casa. Mas não ousou. Não ousou ser mal interpretada e forçada a se casar. Não que tivesse certeza de que não seria forçada assim mesmo.

Ah, se chegasse a esse ponto, ela *teria* que contar para ele. Ele precisava mais do que uma amiga na figura da esposa, e como ela poderia atender a essa expectativa quando seu coração pertencia a outro homem?

As coisas chegaram ao auge na tarde do terceiro dia, quando os dois foram mandados para o jardim parterre, enquanto a camareira de Philippa ficava discretamente no terraço mais ao longe em nome das aparências. Philippa podia apostar que havia mais de um par de olhos observando-os sorrateiramente da sala de visitas acima. Ela não ergueu os olhos para ver.

Ficaram sentados, embora houvesse uma brisa fresca. Estavam cercados por tulipas e íris em solo recém-revolvido. Era trágico que ele não pudesse ver tanta beleza. Conversaram educadamente sobre vários tópicos, ou pelo menos ele falou algumas coisas e ela concordou. Philippa sentia-se mortalmente deprimida, pois a família dele tinha sido extremamente gentil com ela, seus pais e até mesmo com suas irmãs, que haviam sido convidadas para tomar chá na sala de visitas na véspera. A mãe estava nas nuvens de tão feliz por ela, como havia dito na noite passada quando estivera em seu quarto. Estava encantada com a aparência, as boas maneiras e o comportamento do visconde Darleigh, como tinha todos os motivos para estar. E falou do

noivado como fato consumado. Tudo o que ela questionava era quantos dias se passariam antes que ele se declarasse. Com certeza não mais do que dois ou três.

Houve uma breve pausa na conversa.

Philippa apertava as mãos com força no colo. Sentia o coração martelando no peito. Será que devia simplesmente *agir*? Contar a verdade? Dizer que gostava dele, mas que nunca poderia se casar com ele? Mas como fazer isso? Ele nem havia feito o pedido ainda. E se ele não tivesse intenção de fazê-lo? Seria melhor que um buraco se abrisse no jardim e ela fosse parar na China.

– Acredito piamente – disse lorde Darleigh em sua voz agradável e cortês – que o mundo científico está envolvido em uma conspiração perversa contra as massas nos últimos séculos, Srta. Dean, a fim de nos convencer de que a terra é redonda. É claro que é inegavelmente plana. Até um tolo pode ver isso. Se alguém caminhasse até a borda, cairia e nunca mais seria visto. Qual a *sua* opinião?

Ela virou a cabeça bruscamente para fitar o perfil dele. Ah, ele sabia do jogo dela e estava tentando forçá-la a ficar vulnerável. Com toda certeza. Ele *não* poderia estar falando sério. Certamente Philippa agora podia relaxar, rir e perguntar se ele estava tão desesperado para sair daquela situação planejada por seus pais quanto ela.

Mas ser espontânea diante de um estranho era muito mais difícil do que parecia. Pois havia uma mínima possibilidade de ele *estar* falando sério. E se ela risse dele...

Bem, ela simplesmente não podia arriscar.

– Tenho certeza de que você está certo, milorde – disse ela.

E desejou que *ele* risse e perguntasse se *ela* estava tão desesperada quanto ele para se livrar daquela farsa.

Em vez disso, ele sorriu educadamente e perguntou se o vento estava frio demais para ela.

Ela ficou um pouco zangada, um pouco desnorteada. Ele estava jogando tanto quanto ela. Estaria esperando que *ela* falasse a verdade primeiro? Era muito injusto da parte dele. Mostrava falta de cavalheirismo.

Mas talvez ele acreditasse que ela realmente era uma burra.

Philippa colocou as pontas dos dedos na manga dele e falou com sua voz mais doce e pausada. Ela realmente estava muito brava.

– Não me importei de vir aqui, sabe, lorde Darleigh. Mesmo que eu estivesse aguardando ansiosamente há tempos por minha primeira temporada em Londres e não me lembre de ter sido mais feliz do que estava na noite do meu baile de debut. Mas sei o suficiente sobre a vida para entender que fui trazida para cá não só por diversão. Mamãe e papai explicaram que oportunidade maravilhosa esse convite é para mim, assim como para minhas irmãs e irmãos. Não me importei de vir, sinceramente. De fato, vim de bom grado. Eu *entendo* e *não me importo* nem um pouco.

Se isso não o fizesse se expor, ela não sabia o que faria.

– Você vai pensar que sou atrevida – acrescentou por precaução – embora eu não costume ser tão franca. Apenas pensei que você precisava saber que não me importo. Pois talvez você tenha medo de que eu me importe.

Talvez, pensou Philippa, ela estivesse apenas cavando um buraco cada vez mais fundo para si mesma. Pois era possível que tivesse lido todos os sinais da maneira errada. Se assim fosse, então ela com certeza havia se comprometido com o futuro que mais desejava evitar.

Desejou que ele virasse a cabeça e risse dela. Aquele homem não poderia pensar que ela estava falando sério. Era um clichê ambulante.

Então ele ficou de pé, e ela segurou-o pelo braço e o guiou deliberadamente pelo caminho em direção à casa, embora ele estivesse de bengala e mais cedo a tivesse usado sem percalços para encontrar o caminho.

Philippa realmente havia selado a própria desgraça.

Ah, Julian!

Ela estremeceu no frio do vento.



À primeira vista, Middlebury Park foi intimidante para Julian – o muro externo coberto de hera que se estendia até onde o olhar alcançava de ambos os lados dos portões, depois a longa e tortuosa entrada através do bosque denso, e então a visão repentina da mansão imponente e dos jardins formais diante dela, com gramados bem cortados estendendo-se para as duas laterais. Era o final da manhã, e a neblina do amanhecer havia evaporado, já substituída pela luz do sol.

Ele ainda não sabia exatamente o que esperava ao ir lá. Mas pelo menos tinha sua história bem estruturada em mente. Esperava que não parecesse irremediavelmente esfarrapada.

O mordomo pareceu hesitante quando Julian apresentou seu cartão e pediu para ver o visconde Darleigh. Ele ia verificar se sua senhoria estava em casa, disse o empregado, e foi embora, deixando Julian no corredor de azulejos com teto alto, lareiras de mármore de ambos os lados e estátuas de mármore – e um lacaio silencioso.

Era uma sala destinada a diminuir os visitantes, pensou Julian – e funcionava admiravelmente bem. Não que ele fosse se intimidar caso realmente estivesse de passagem para visitar um conhecido e amigo do tio a fim de prestar seus respeitos, como seria completamente possível.

Julian sentia o coração martelar contra as costelas, como se fosse algum tipo de impostor. Philippa estava hospedada ali. Conseguiria vê-la? Mas com qual finalidade? Será que já era tarde demais? Mas tarde demais para *o quê*? Ele tinha chegado até ali sem nenhum plano claro.

Darleigh simplesmente o receberia em uma sala particular, apertaria sua mão, ofereceria algo para beber, conversaria educadamente por algum tempo e depois o mandaria embora? Julian permitiria que isso acontecesse? Mas o que poderia fazer para impedir?

– Venha comigo, senhor. – O mordomo havia retornado sem fazer ruído.

Julian foi conduzido para a ala oeste da casa e ao longo de um corredor largo até pararem do lado de fora de portas duplas altas, que o mordomo abriu.

– O honorável Sr. Julian Crabbe, senhora – anunciou ele.

A sala – um recinto grande e confortável que Julian presumiu ser a sala de estar da família – estava cheia de pessoas. Uma delas, uma dama de meia-idade, estava de pé e vindo na direção dele, a mão direita estendida, o semblante ansioso e aflito.

– Sr. Crabbe, como vai? O que pode me dizer sobre Vincent?

Vincent? Ele se sentiu estúpido por um momento, e também atordoado. Isso porque dois dos presentes na sala eram o Sr. e a Sra. Dean, sentados em frente à porta, perto da lareira. E do outro lado da sala, perto da janela, afastada de todos os demais, estava Philippa, o rosto atônito voltando-se para ele.

Deus do céu. Tudo o mais fugiu de sua mente, embora ele não ousasse virar a cabeça para olhar diretamente para ela. No entanto, sabia que o rosto dela estava branco como papel, tão pálido quanto seu vestido de musselina.

Vincent, ele percebeu, voltando a si em sobressalto, era o visconde Darleigh. Vincent Hunt.

– Como está, senhora? – Ele pegou a mão da dama e curvou-se sobre ela. – Lorde Darleigh é amigo do meu tio, o duque de Stanbrook. Eu o conheci em Penderris Hall quando ele estava lá se recuperando dos ferimentos de guerra. Estou indo visitar amigos nessa parte do país e passei para prestar meus respeitos. Espero que não seja um momento inconveniente.

Os ombros dela caíram.

– Peço desculpas, Sr. Crabbe. Pensei que você talvez trouxesse notícias do meu filho.

– Ele não... está aqui? – perguntou Julian. – Peço desculpas por me intrometer entre vocês, senhora.

Com sua visão periférica, ele pôde ver Philippa imóvel como uma estátua.

– Não há de que se desculpar – replicou a senhora mais velha rapidamente. – Sinto muito que você tenha saído de seu caminho para nada. Ele não está aqui.

– Talvez ele tenha simplesmente ido passar o dia em algum lugar, mamãe, e tenha esquecido de nos avisar – disse uma jovem de seu assento à esquerda de Julian.

– Com o baú, metade das roupas e o criado? – questionou um cavalheiro de pé diante da lareira. – Para não falar da carruagem de viagem, do cocheiro e de quatro cavalos? Dificilmente, Ursula.

– Anthony! – interveio bruscamente outra jovem senhora.

– Ele fugiu – disse o homem chamado Anthony. – Foi isso que ele fez. Eu disse no café da manhã e repito.

– Anthony! – A mesma jovem senhora parecia mortificada.

– Ele realmente foi embora – disse a Sra. Hunt em tom resignado e cansado.

Julian sentiu-se muitíssimo constrangido... e algo mais também, que ele ainda não tinha liberdade para expressar.

Darleigh tinha ido embora? Deixado sua casa? Fugido? Justamente quando foi presenteado com uma possível noiva e era esperado que fizesse uma proposta de casamento? E ela estava ali naquela sala com seus pais; sem dúvida um constrangimento horrível para a família do visconde.

– Peço perdão, Sr. Crabbe – disse a Sra. Hunt. – Assim irá pensar que temos as piores maneiras. Permita fazer as apresentações, e então todos tomaremos café com bolos. Vincent foi embora de repente, e o convidei a vir aqui na esperança de que trouxesse notícias dele. Mas não importa. Você deve ficar um pouco assim mesmo.

A seguir ela o apresentou à mãe, às filhas e seus maridos e aos convidados.

Julian concluiu que deveria ir embora imediatamente. Sua permanência pareceria uma intrusão imperdoável. Mas ele ainda não conseguia se forçar a sair.

– Crabbe. – O Sr. Dean levantou-se quando foi apresentado e fez uma reverência formal. – Creio que já nos encontramos antes.

– Um infeliz encontro, como lembro com profundo pesar, senhor. – Julian retribuiu a medida. – Eu era um rapazote selvagem naquele tempo.

Ele saudou a Sra. Dean e perguntou como estava.

– Você também conhece a Srta. Dean, Sr. Crabbe? – perguntou a Sra. Hunt, indicando Philippa perto da janela.

Finalmente ela se moveu. E finalmente ele olhou para ela.

Pela primeira vez em dois anos.

Ela fez uma reverência. Ele se curvou. Ela ergueu os olhos para ele.

Julian guardara na memória a imagem de uma menina doce, quase etereamente loira e de olhos verdes, com um semblante vivaz e sorridente. Dois anos haviam deixado Philippa apenas mais bonita, pois agora era claramente uma mulher.

Se era possível um coração parar e depois retomar os batimentos, com certeza o dele tinha feito exatamente isso por um ou dois segundos após a apresentação.

– Srta. Dean – disse ele.

– Sr. Crabbe.

Ah, aquela voz doce e suave tão bem lembrada. A memória não lhe fazia plena justiça.

Por que diabos Darleigh tinha ido embora?

Mas tinha ido, e ela estava livre.

Ela estava livre.

– Você deve estar desejando que eu suma, senhora – disse Julian para a Sra. Hunt, forçando-se a desviar do olhar de Philippa. – Cheguei em uma hora imprópria e constrangi a todos. – Ele esperava que os Deans não o levassem a mal.

– Ninguém precisa se sentir constrangido por nossa causa – disse a Sra. Dean rapidamente. – Você nos convidou para vir para cá por uma semana ou duas, Sra. Hunt, devido à amizade de minha sogra com a Sra. Pearl, e me faltam palavras para dizer o quanto desfrutamos de sua gentil hospitalidade. Voltaremos a Londres com vigor renovado para aproveitar o resto da temporada.

– É muito gentil de sua parte ser tão delicada – disse a Sra. Hunt. – Tenho certeza de que muitos cavalheiros ficarão encantados em ver a Srta. Dean de volta entre eles.

Todos os olhos voltaram-se para Philippa, que quase tropeçou quando se virou para a janela, estendendo a mão para o peitoril em busca de equilíbrio, enquanto Julian precipitava-se na direção dela e a mãe saltava em pé.

– Venha e sente-se, meu amor – disse ela, correndo em direção à filha.

– Não, obrigada. Eu... eu prefiro dar uma volta lá fora e respirar um pouco de ar fresco, se me derem licença. O dia ficou tão lindo.

– Irei com você – disse a mãe.

– Suplico que você não vá. – Philippa pareceu angustiada de novo. – Eu preferiria...

– Se me permitirem – atalhou Julian. – Minha presença nesta sala é decididamente supérflua. Mas seria um prazer acompanhar a Srta. Dean ao jardim defronte à casa, se sua criada for junto.

– Isso é ao mesmo tempo diplomático e gentil de sua parte, Sr. Crabbe – disse a idosa Sra. Pearl, quando o Sr. Dean abria a boca para falar. – Você é parente dos Redfords de Bath, não é? E sobrinho do duque de Stanbrook, você disse? Herdeiro dele, creio eu?

– Tenho essa honra, senhora. – Julian inclinou a cabeça para ela. – O Sr. Redford é irmão de minha mãe. – Ele olhou para além dela, para o Sr. Dean, que o fitava carrancudo. – Com a sua permissão, senhor, escoltarei a Srta. Dean ao jardim antes de retomar minha jornada.

– Isso tudo foi demais para você, Srta. Dean – disse uma das irmãs de Darleigh. – Ah, espere até eu colocar minhas mãos naquele meu irmão.

– Se você fizer a gentileza – o Sr. Dean disse a Julian, ainda franzindo a testa. – A camareira de minha filha será enviada.

Julian cruzou a distância até a janela e ofereceu seu braço. Philippa deslizou a mão por ele e por um instante o mundo parou.

Os olhos dela encontraram os dele, e pareceu a ele que o mundo também havia parado para

ela.

– Obrigado, senhor – murmurou Philippa, e ele a levou da sala, enquanto todos assistiam com profunda preocupação.

Caminharam pelo amplo corredor até o grande salão sem falar. Ele a conduziu através das portas duplas, do lance de degraus de mármore até o terraço e dali até os parterres do jardim de flores. Uma jovem, presumivelmente sua criada, veio apressada atrás deles, mas permaneceu no terraço.

Ele encheu os pulmões de ar e se permitiu sentir euforia. Ela estava *livre*.

– Julian – disse ela mansamente.

– Philippa. – Ele viu que a cor tinha tomado o lugar da palidez em suas bochechas. E os olhos dela brilhavam. – Meu amor.

– Acham que estou nervosa porque o visconde Darleigh fugiu em vez de se casar comigo, quando na verdade foi porque o mordomo entrou na sala e a Sra. Hunt pegou seu cartão da bandeja e disse seu nome. E aí você chegou.

– Você achou que eu não viria?

Ela virou o rosto para ele.

– Ainda ontem eu estava aqui com *ele*. O visconde é encantador, amável e muito simpático, mas fiz jogos horríveis com ele. Tenho vergonha de mim.

– Jogos?

– Repeti os comportamentos da família dele que mais o aborrecem, embora ele seja sempre alegre, bem-educado e paciente com todos. Falei com ele como se fosse um inválido, concordei com tudo o que ele disse e ofereci ajuda mesmo quando ele não precisava e se ressentia. Eu o fiz ir embora.

– Você tem certeza? Parecem coisas muito pequenas, muito sutis, especialmente se ele está acostumado com tal tratamento por parte da família.

– Ele falou que estava convencido de que a Terra era plana, que os especialistas estão errados há séculos, desde que aparentemente descobriram que é uma esfera. Disse que era óbvio para um idiota que, se alguém caminhasse até o horizonte, cairia da borda. *E eu concordei com ele*.

Julian riu.

– Ele é um idiota, então?

– Longe disso. Ele estava me provocando. Estava jogando comigo, exatamente como eu com ele. Suspeitei fortemente na ocasião e fiquei ainda mais certa disso na noite passada, ao repassar tudo quando já estava na cama. Decidi fazer hoje o que me senti tentada a fazer ontem – contar a verdade e pedir que não pedisse minha mão, pois estava convencida de que ele não desejava casar-se comigo tanto quanto eu não queria casar com ele. Mas ele não estava no café da manhã e não apareceu depois, e todos ficaram horrivelmente envergonhados e horrivelmente *animados*, e pouco antes de você chegar a Sra. Hunt admitiu que ele tinha partido e provavelmente não voltaria por um tempo, embora ela não tivesse ideia de quanto tempo levaria.

– Philippa.

O riso largo de Julian abrandou-se em um sorriso, e a mão dele repousou sobre a dela em seu braço. A euforia borbulhava dentro dele. Mas Julian estava ciente da criada vigilante e de possíveis olhos observadores por trás das janelas enquanto inclinava a cabeça um pouco mais perto dela.

– Você está livre.

Mas ela parecia perturbada.

– É um constrangimento e uma humilhação *tão* grande para papai e mamãe. Papai parece confuso, o que não é típico. Mamãe está tentando ser delicada, como se realmente acreditasse que fomos convidados apenas para desfrutar de alguns dias no campo com amigos. E eu me sinto mal, pois é tudo culpa minha.

– Todavia, foi Darleigh quem fugiu. Se ele *não* é um idiota, e devo confessar que não tive a impressão de que fosse quando o conheci em Penderris Hall, então é evidente que estava desesperado por uma maneira de evitar casar-se com você, Philippa, especialmente depois que você o levou ao limite ontem. Acredito que você foi empurrada para ele por todas aquelas parentes do sexo feminino, e ele se sentiu tão encurralado pelas circunstâncias quanto você. Se ele realmente quisesse se casar com você, não teria usado daquela artimanha ontem. A culpa, se *culpa* é a palavra correta, é toda dele. Tudo o que você fez foi concordar com o que dizia. Seus pais vão se recuperar do constrangimento. Afinal de contas, não gostariam de ver você casada com um homem que fugiu de casa sem dirigir uma palavra a ninguém, em vez de fazer uma proposta.

– Ah, Julian. – Pararam de caminhar e viraram o rosto para se olhar. – Fiquei tão *aliviada* ao ouvir que ele tinha ido embora. E foi tão difícil não demonstrar isso enquanto todos os outros estavam tão envergonhados, humilhados e lamentando por mim.

Ele devorou o rosto dela com os olhos e lutou contra a vontade de puxá-la para seus braços.

– Faz uma eternidade – disse ele.

– No mínimo – concordou ela e pela primeira vez sorriu, luminosa e radiante. – Você *veio*. Nunca imaginei. Nem por um único momento. Apenas torcia para que você permanecesse em Londres e que eu tivesse a chance de voltar para lá e vê-lo. Você recebeu minha carta, então?

– Em Bath. Sequer fui a Londres. Como poderia, se você estava aqui e eu corria o risco de perdê-la?

Ele estava prestes a pegar a mão dela para levar aos lábios. Mas algo surgiu em sua visão periférica, e ele foi salvo de repetir o erro cometido dois anos atrás. O Sr. Dean avançava a passos largos na direção deles.

– Aprecio sua consideração, Crabbe, por ter saído naquele momento – disse ele secamente – e retirado minha filha do constrangimento de ficar no recinto depois de ser rejeitada da maneira mais vergonhosa. Fico feliz em ver que você tem alguma cor nas bochechas, Philippa.

– Estou me sentindo melhor, papai. E não estou *terrivelmente* desapontada, sabe? Espero que você e mamãe não estejam.

– Voltaremos para Londres amanhã. Sua mãe já está lembrando todos os convites que aceitou para você a partir de depois de amanhã.

– Ah, Londres – disse Julian. – Estou a caminho de lá também, depois de passar alguns dias com meu amigo aqui perto, é claro. Minha casa foi aberta, e minha mãe me espera. Espero visitá-los lá, senhor, para me assegurar de que a Srta. Dean se recuperou por completo do constrangimento passado aqui. E eu diria que a perda de lorde Darleigh é definitivamente o ganho de algum outro cavalheiro afortunado.

– Gentileza a sua dizer isso – comentou o Sr. Dean em tom ríspido. – Você perdeu o pai alguns anos atrás, certo? Ouvi dizer que recuperou sua propriedade na Cornualha da beira da ruína.

– Está produzindo um lucro decente este ano, senhor, e dará ainda mais lucro no próximo ano. Tem sido um trabalho árduo, mas cada minuto tem valido a pena.

O Sr. Dean assentiu de modo afável.

– Bem, Philippa, sua mãe está esperando por você lá dentro.

– Devo tomar meu rumo – disse Julian, fazendo uma reverência que englobava tanto o Sr. Dean quanto Philippa. Olhou avidamente para ela, mas só por um momento, e ela retribuiu o olhar antes de fazer uma leve mesura e voltar para a casa com o pai.

Julian observou-os por alguns instantes e então se dirigiu a passos resolutos para os estábulos.

Seu coração cantava, embora lhe pedisse cautela.

CAPÍTULO 3



Durante a viagem de volta de Gloucestershire para Londres, os pais de Philippa tentaram consolá-la por sua decepção, embora ela assegurasse que não estava tão decepcionada. É claro que não podia enfatizar com muita firmeza para que não suspeitassem de que havia o dedo dela na fuga do visconde.

Ela se sentia culpada por isso. Mas também sentia que ele não tinha ido embora só porque ela concordava com tudo o que ele dizia.

Nos momentos em que os pais não estavam falando, ela sonhava.

Julian tinha ido a Middlebury Park. Jamais lhe ocorrera que ele pudesse fazer isso, mas então o mordomo de lorde Darleigh veio anunciar um visitante, e ao pegar o cartão de visitas da bandeja de prata a Sra. Hunt dissera o nome dele.

– O honorável Sr. Julian Crabbe, dissera ela. E trazendo notícias do meu filho? Conduza-o até aqui.

E Philippa soube que estava prestes a vê-lo de novo – de repente, sem qualquer aviso.

Ah, a memória era medíocre em seu intuito de preservar a realidade. Philippa tinha lembranças vívidas de Julian daquelas semanas em Bath, lembranças de um jovem alto, de corpo atlético agradável, com um rosto bonito e bem-humorado. E um sorriso que a deixava sem fôlego, e olhos escuros que deixavam seus joelhos moles. E cabeleira farta, escura e brilhante que fazia seus dedos coçarem de vontade de deslizar por ela.

Mas a presente realidade era muito mais... *real*. E tanta coisa mais.

Um homem, um estranho, adentrara na sala de estar em Middlebury Park após o anúncio do mordomo. Um cavalheiro confiante com presença dominadora e um rosto sério e inteligente sob um cabelo escuro e bem penteado. Um homem que não passava despercebido. Um homem que parecia viril e elegante, mesmo em calções de montaria, botas de cano alto, casaco de corte sofisticado e um lenço de pescoço amarrado com simplicidade.

E ao mesmo tempo não era um estranho. Pois era Julian, aquele que ele se tornara passados dois anos, e o coração dela o reconheceria em qualquer lugar. Seu corpo inteiro ansiara por ele com um ardor que ela não sentira por nenhum outro homem.

Julian causara boa impressão. Era sobrinho e herdeiro do duque de Stanbrook, que havia acolhido lorde Darleigh quando ele foi trazido da Península surdo e cego. E tinha vindo, conforme era cortês e apropriado, prestar seus respeitos – e então se comportara com tato consumado, retirando-se assim que a decência permitira e escoltando Philippa ao jardim por alguns minutos para que ela pudesse se recuperar do quase desmaio.

Até mesmo os pais de Philippa ficaram inclinados a vê-lo com bons olhos e comentaram como o rapaz havia mudado para melhor desde o último encontro.

Julian não foi mencionado durante a viagem de volta a Londres. Mas com certeza quando o encontrassem lá...

Ah, com certeza.

Ele não apareceu por cinco dias inteiros. É claro. Tinha sido obrigado a ficar longe por um tempo, a fim de tornar crível a história da visita a um amigo em Gloucestershire.

Enquanto isso, a movimentada agenda de atividades sociais foi retomada. Philippa saiu todas as noites, incluindo sua primeira ida ao Almack's, pois a mãe enfim conseguiu os cobiçados vouchers. Ela dançou todos os números ali, exceto a valsa, para a qual precisava da permissão de uma das patronesses. Philippa tinha três parceiros regulares onde quer que fosse, todos apresentáveis e bons partidos, e cinco ou seis outros cavalheiros pediram para dançar com ela mais de uma vez ou pararam para trocar gentilezas ao vê-la na Bond Street ou na Oxford Street, ou passeando no Hyde Park.

Eles podiam tirar da cabeça o infeliz incidente da visita a Middlebury Park, comentou a mãe na quinta manhã após o retorno, enquanto tomavam café. A Srta. Ginty convidara Philippa para um piquenique em Richmond à tarde, e haveria um grupo de jovens com elas, assim como a Sra. Ginty, é claro, fazendo as vezes de acompanhante. O Sr. Mendelhall também estaria presente. Ele dedicava especial atenção a Philippa desde seu debut, e todos sabiam que era dono de uma fortuna substancial.

– Acredito que podemos confiar em uma proposta dele em pouco tempo – disse a mãe sorrindo para a filha e olhando para o marido.

O Sr. Mendelhall tinha uma beleza juvenil, modos agradáveis e conversa fácil. Philippa gostava da companhia dele e de seus outros novos amigos. De fato, disse a si mesma no final de uma tarde muito aprazível, que ela era uma das mais afortunadas dos mortais. Se tentasse listar todas as suas bênçãos, se cansaria muito antes de chegar ao fim.

Só que Julian não tinha vindo.

E cinco dias pareciam uma *eternidade*.

Por quanto tempo ele ficaria longe?

O cocheiro da Sra. Ginty desceu a escadinha da caleche quando Philippa chegou em casa, e ela se virou na calçada para agradecer e se despedir. Houve uma efusão de despedidas alegres enquanto o mordomo abria e segurava a porta da casa para ela, e a caleche seguia seu caminho.

Philippa subiu correndo os degraus e entrou na casa – e quase colidiu com alguém vindo lá de dentro.

Ele pegou-a pelos braços para firmá-la e deu um passo para trás.

E de repente o sorriso alegre que ela resolutamente trouxe para dentro de casa para que a mãe e o pai também sorrissem e vissem que ela estava feliz – de repente o sorriso brilhou com toda a luz do sol no mundo.

– Julian!

– Srta. Dean.

Ele soltou os braços dela e fez uma reverência, e ela se lembrou da presença do mordomo e talvez de outras pessoas não muito longe dali.

– Sr. Crabbe.

Ela não conseguia desgrudar os olhos do rosto dele. A pele tinha um tom escuro, como se estivesse bronzeada. Ela havia esquecido disso. Era algo que o deixava mais do que apenas

bonito.

– Vim prestar meus respeitos à Sra. Dean e me assegurar de que você tinha retornado em segurança de Gloucestershire. Tive a sorte de encontrar o Sr. Dean em casa também.

– Ah – disse ela, a decepção de repente tomando o lugar da euforia inicial por ver que ele enfim tinha chegado. Ela havia perdido a visita dele. – Fui a Richmond para um piquenique.

– Imagino que tenha gostado. Você por certo teve um dia adorável depois de toda a chuva da semana passada. A Sra. Dean me informou que você estará no baile de lady Ingersoll amanhã à noite e gentilmente me concedeu permissão para lhe solicitar uma dança.

– Ah. – Os olhos dela o devoraram.

– Você vai valsar comigo?

– Ah – disse ela de novo, menos feliz. – Não, receio que a valsa não. Ainda não recebi permissão.

– Permissão? – Ele franziu a testa. – Essa regra social arcaica ainda está em vigor, é? Você *dançaria* comigo se tivesse permissão?

– Mas não tenho, infelizmente. Debutei há apenas...

Ele colocou um dedo rapidamente sobre os lábios e piscou lentamente para ela. Por um momento, pareceu o antigo Julian malandro, que tanto a atraía quando ela estava com 16 anos.

– Eu disse se – enfatizou ele. – Se tivesse permissão para valsar, você valsaria comigo?

– Pelo resto da minha vida.

Por um momento ele lançou aquele olhar intenso antes de sorrir e se curvar novamente com graciosa formalidade.

– Então farei bom uso da permissão de sua mãe, Srta. Dean, e também da permissão tácita de seu pai, e pedirei uma dança amanhã à noite. Peço que reserve um número para mim.

– Com certeza farei isso, senhor – prometeu ela.

– Bom dia para você, então, Srta. Dean.

E ele se foi.

O pai descia as escadas enquanto o mordomo fechava a porta atrás dele.

– Você viu Crabbe, então? – perguntou ele enquanto Philippa corria para beijá-lo na bochecha. – Eu teria considerado sua visita o auge da impertinência se não o tivéssemos visto em Middlebury Park. Ele parece ter se tornado um rapaz decente no fim das contas. Sua mãe deu a ele permissão para dançar com você no baile de Ingersoll, mas só se *você* quiser.

– Já disse que dançarei, papai. Não me importo de jeito nenhum, ainda que ele tenha sido responsável por me causar dois dias de tédio indizível no meu quarto dois anos atrás.

O pai deu uma risadinha, e ela riu junto.

– Divertiu-se no piquenique? Mas nem preciso perguntar, não é? Você tem um brilho no rosto e olhos reluzentes. Mendelhall, é isso? Bem, se ele decidir me procurar, escutarei o que ele tem a dizer e permitirei que a corteje, se ficar satisfeito com o que ouvir.

Ele seguiu para a biblioteca, e Philippa correu para o andar de cima para se desfazer do chapéu e do guarda-sol.

Ela *dançaria com Julian* na noite seguinte.

Se ao menos pudesse valsar com ele. Mas era melhor não criar tantas expectativas.



– Você está na cidade há menos de dois dias, Julian – disse lady Charles Crabbe ao filho no jantar daquela mesma noite – mas já criou afeição por uma jovem que debutou neste ano?

Ela olhava para ele com certa surpresa, as sobrancelhas levantadas, a faca e o garfo suspensos sobre o prato.

– A afeição foi concebida há dois anos, mamãe – confessou Julian. – Em Bath. Quando fiquei por um tempo com minha tia e meu tio, como você deve lembrar. A Srta. Dean é amiga da prima Barbara.

– Mas quantos anos a moça tinha? – perguntou a mãe em um murmúrio.

– Dezesseis. Ela tem 18 anos agora.

– Dezesseis? – Ela pousou os talheres com muito cuidado no prato.

– Esperei ela ficar mais velha – explicou ele.

Ela contemplou o prato por um tempo, um leve vinco entre as sobrancelhas.

– Lembro daquela ocasião. Da sua temporada em Bath. Você foi uma severa decepção para mim. Eu esperava que meu filho fosse diferente do pai. E de repente você *ficou* diferente e permaneceu diferente. Existe alguma conexão aqui, Julian? Não foi a morte de seu pai que causou a mudança? Foi essa... *garota*?

– Sim. Philippa Dean. Uma jovem dama agora. Eu me apaixonei por ela quando era apenas uma menina e permaneci apaixonado.

– E só agora estou ouvindo falar dela pela primeira vez – disse a mãe, transferindo o olhar para o rosto dele –, embora tenha tido uma influência tão surpreendente e positiva em sua vida.

– Ela era jovem demais para ser cortejada. Mas não é mais. E ela é tudo no mundo para mim.

A Sra. Crabbe continuou fitando o filho com certo espanto.

– Estou encantada, claro. Ou *creio* que esteja, pelo menos. Temia que você ficasse focado demais no trabalho e findasse solitário, Julian, que negligenciasse sua necessidade de amor e companhia. Bem, eu diria que estou sem palavras se não estivesse sentada aqui conversando. E amanhã à noite conhecerei essa joia rara que é dona de seu coração há dois anos. E isso nos traz de volta à sua pergunta original. Sim, conheço mais de uma das patronesses do Almack's, embora nenhuma seja minha amiga íntima. Lady Jersey é provavelmente a mais amável e mais acessível. Verei o que posso fazer, Julian. Vou visitá-la amanhã à tarde, embora vá ser um milagre caso eu a encontre.

– Obrigado – disse ele, enquanto a mãe pegava a faca e o garfo para prosseguir a refeição. – Você vai gostar dela, mãe, prometo.

– Lady Jersey? Não gosto dela nem um pouco, sabe, mas por sua causa...

Ele riu, e os olhos dela brilharam divertidos.

– Estou predisposta a gostar da sua Srta. Dean, se ela está preparada para resgatá-lo da solidão da qual eu pensava que você fosse presa, Julian. Deus, não tinha a menor suspeita de tal coisa... Ouso dizer então que todas aquelas cartas que você trocou com Barbara nos últimos anos não foram inteiramente por conta de um forte afeto de primos, não é? Preciso examinar minha cabeça.

Ele riu de novo.

– Eu *gosto* de Barbara.

Ele não estava rindo na noite seguinte. Estava se sentindo absurdamente nervoso, considerando o fato de que aquela não era *sua* primeira temporada. Já havia frequentado dúzias de bailes da alta sociedade no passado, mas geralmente só para conferir as mais novas belezas do mercado de casamentos e jogar algumas rodadas na sala de jogo, se as apostas fossem altas o

suficiente para valer o esforço. Ele havia dançado com todas as garotas mais bonitas, flertado escandalosamente com elas e seguido em frente antes que pudesse se enredar em expectativas que não tinha intenção de honrar – ou então muito antes que o mais cuidadoso dos pais pudesse descobrir o estado precário das finanças da família.

Naquela noite ele estava ali por um motivo inteiramente diferente. E naquela noite ele era uma pessoa quase completamente distinta daquele camarada desleixado, esbanjador e libertino que tinha sido.

O Sr. e a Sra. Dean estavam presentes com a filha, ele viu imediatamente e com alguma surpresa. A maioria dos homens deixava a função maçante de acompanhar as filhas para as esposas.

Havia duas jovens damas com Philippa, e elas conversavam com um grupo de cavalheiros. Todos riam alegremente quando Julian se aproximou e fez uma reverência. Ele sentiu como se tivesse um milhão de anos. Philippa apresentou-o, e ele se juntou à conversa por alguns minutos antes de dirigir a atenção exclusivamente para ela.

– Srta. Dean, haveria por acaso um espaço livre em seu cartão de danças para mim?

– Rá! – gritou o ruivo sir Dudley Foote – Não a primeira, Crabbe. Essa já está prometida para mim.

– Eu esperava a primeira valsa – disse Julian sorrindo, com os olhos ainda em Philippa.

Ela fitou-o com grandes olhos melancólicos.

– Infelizmente, senhor, ainda não tenho permissão para valsar.

– Então talvez me permita sentar com você, Srta. Dean.

– Ora, por que não pensei nisso? – lamentou Michael Forster, batendo na testa com a palma da mão.

– Isso seria gentil de sua parte – disse Philippa, e ele rabiscou o nome no cartão antes de levantar os olhos para ela.

Os membros da orquestra terminaram de afinar seus instrumentos, a dança foi anunciada, e Foote levou Philippa para a pista, enquanto os outros cavalheiros conduziram todas as demais jovens, menos uma.

– Srta. Hancock – disse Julian, fazendo uma medida – posso ter a honra?

Os olhos dela brilharam de alívio.

– Obrigada, senhor. – Ela colocou a mão sobre o pulso dele.

A valsa – uma de duas – veio pouco antes do jantar. Julian dançou todos os números antes, pois não queria que ninguém, muito menos os pais dela, pensassem que ele estava com a atenção voltada apenas para Philippa. Ele achou que aquelas danças nunca terminariam. Sua mãe havia encontrado lady Jersey em casa naquela tarde, e a grande dama estava presente no baile, inclinando a cabeça graciosamente para tudo ao redor, as plumas de seu penteado balançando no alto da cabeça.

– Ah, Srta. Dean – disse lady Jersey quando Julian tomou seu lugar ao lado de Philippa antes da valsa e se preparou para sentar em um banco com ela, se necessário. – Você parece muito atraente esta noite, minha cara. Seu mestre de dança ensinou-lhe os passos da valsa em... Bath, é isso? – Ela fez Bath soar como uma província distante e rústica.

– Aprendi os passos, minha senhora – disse Philippa, fazendo uma grande reverência, enquanto o Sr. e a Sra. Dean se aproximavam um de cada lado dela.

Os olhos de lady Jersey deslocaram-se para Julian.

– Vi o Sr. Crabbe valsar, embora faça algum tempo. Ele executa os passos bastante bem, pelo

que me lembro. Acredito que seja um parceiro adequado para conduzi-la em sua primeira valsa em público. Com a permissão de seus pais, é claro. – As plumas esvoaçaram graciosamente na direção deles.

– Posso *valsar*, minha senhora? – Os adoráveis olhos verdes de Philippa estavam arregalados de espanto.

– Pode, minha cara – disse lady Jersey antes de seguir adiante para favorecer alguma outra pessoa com sua atenção.

– Ah, meu amor – disse a Sra. Dean, sorrindo com evidente prazer.

O Sr. Dean lançou um olhar sério para Julian.

E então estavam juntos na pista de dança reluzente, esperando a música começar; Julian colocou a mão atrás da cintura dela, enquanto Philippa levou uma das mãos ao ombro dele e a outra sobre a que ele tinha livre.

Sua cintura era quente, minúscula e flexível. Ela usava um perfume doce e sutil.

– Posso *valsar*. – Suas bochechas estavam coradas, e os olhos brilhavam. – Julian? Você teve alguma coisa a ver com isso?

– Bem, minha mãe conhece lady Jersey e foi visitá-la hoje à tarde.

– Sua mãe?

– A senhora de verde esmeralda sentada junto à primeira janela. Espero que me permita apresentá-la no jantar. Essa é a dança do jantar, sabe?

Ela virou a cabeça para olhar para a mãe dele, que observava seus passos. Philippa sorriu hesitante, e a mãe de Julian inclinou a cabeça e sorriu de volta.

E então a música começou.

Se havia magia em ação neste mundo, pensou Julian depois dos primeiros minutos, com certeza ela estava presente na valsa dançada com alguém que amamos mais que a própria vida. O salão de baile de repente pareceu encantado.

O rosto de Philippa estava erguido para o dele, o assombro e o amor evidentes em seus olhos. Ela dançou com leveza e corretamente naqueles primeiros minutos, até que Julian a sentiu relaxar por completo, e os passos de ambos se tornaram mais instintivos enquanto ele a fazia rodopiar e a conduzia para passarem pelos pares mais lentos sem colidir.

Julian só tinha consciência da mulher em seus braços; ainda assim, percebia relances do ambiente – o torvelinho da luz das velas, a ondulação dos vestidos coloridos, a música cadenciada, as flores perfumadas e adoráveis, o som de conversas e risos encerrando-os em seu mundo particular de magia e romance.

Ao pensar sobre isso, supôs que seu semblante deveria combinar com o dela. Julian certamente não estava fazendo esforço algum para esconder seus sentimentos. Não se importava. Ele a cortejaria por algumas semanas antes de falar com o pai, e mostraria aos Deans que sabia como agir corretamente, com o devido cuidado com a reputação de Philippa. Mas a partir desse momento ele não manteria segredo sobre o fato de *estar* cortejando-a. A longa espera havia terminado, ainda que restasse uma pontada de incerteza.

– Feliz? – perguntou ele.

– Esta é a noite mais feliz da minha vida – assegurou ela.

Ah, Philippa. Onde estava o tédio fingido com o qual a maioria das jovens debutantes se armavam para não parecerem ansiosas demais para os possíveis pretendentes?

– E da minha – disse ele.

O sorriso dela era tão francamente feliz que ele quase parou para pegá-la em seus braços.

Quase.

Eles valsaram em silêncio pela meia hora que restava antes do jantar.

Pois realmente não havia necessidade de palavras. Palavras – palavras escritas – tinham sido o único meio de comunicação entre eles por dois anos. Agora estavam juntos.

E por enquanto, naquela noite, isso bastava.

CAPÍTULO 4



Julian cortejou Philippa por seis semanas. Ela continuou a frequentar bailes, saraus, concertos, teatro, piqueniques e festas vespertinas como se nada tivesse acontecido. Passou uma noite de música, dança e fogos de artifício em Vauxhall Gardens como membro de um grupo organizado pela mãe do Sr. Mendelhall. Passeou por Hyde Park com suas irmãs e a governanta delas, e com a Srta. Ginty e algumas de suas outras amigas, as criadas sempre presentes. Foi levada até lá no horário da moda por quatro cavalheiros diferentes. Foi fazer compras com a mãe e com as amigas.

Três semanas após o retorno de Gloucestershire, seu pai recebeu uma proposta do Sr. Mendelhall. Doe a Philippa dizer não, pois gostava muito dele, e ele havia sido gentil com ela, assim como a mãe dele.

– Suponho – disse o Sr. Mendelhall quando ela o recusou na sala de leitura onde o pai a convocou antes de deixar os dois – que seja Crabbe, não é, Srta. Dean? Mas a pergunta é descortês. Por favor, me perdoe. Desejo-lhe boa sorte e espero que possamos continuar amigos.

– Também espero – disse ela, infeliz.

Ela de fato dançou em várias ocasiões com Julian. Sentou-se ao lado dele em um concerto privado, foram duas vezes ao parque, conversaram em várias festas e saraus e encontraram-se uma vez por acaso em Bond Street quando ela estava com a mãe. Na ocasião ele as convidou para um chá e bolos em uma confeitaria próxima. Ela e a mãe visitaram lady Charles Crabbe certa tarde quando ela estava recebendo amigas, e Julian apareceu e conversou com elas por alguns minutos antes de ir falar com outras senhoras.

Lady Charles deu atenção especial a Philippa durante a visita, até mesmo tomando a mão dela em certo momento e segurando-a por mais tempo do que o necessário enquanto conversavam com outra pessoa.

Pareceram seis semanas intermináveis para Philippa. Mas ela honrou a determinação de Julian em finalmente fazer as coisas do modo certo, pois é claro que a correspondência de dois anos tinha sido tudo menos isso. Ele queria ganhar a confiança e a aprovação dos pais dela. E parecia estar conseguindo.

– Ele é um rapaz agradável – comentou a mãe de Philippa depois da visita a lady Charles. – Um filho obediente e atento a todas as convidadas dela, e sei que os homens acham difícil quando todos os convidados são senhoras. Acredito que ele tenha predileção por você, Philippa.

– Eu não sabia se ficava satisfeito ou perturbado quando ele apareceu aqui ao chegar a Londres – disse o pai no jantar certa noite em que o nome de Julian foi mencionado. – Ele era

um selvagem insolente quando esteve em Bath, e eu estive muito perto de dar um safanão em sua orelha quando teve o descaramento de pegar a mão de Philippa na frente de todos em Sydney Gardens, quando ela era apenas uma colegial. Mas devo dizer que, desde então, só ouvi falar bem dele, e seu comportamento parece confirmar isso. E ele parece gostar de você de novo, Philippa.

– Também gosto dele. Mas gosto de vários cavalheiros que tiveram a delicadeza de querer me conhecer.

– Ah, acho que você gosta dele um pouco mais do que dos outros – disse a mãe com um sorriso divertido.

Philippa pôde sentir as bochechas esquentarem.

– Gosto – admitiu. – Mas espero não estar deixando minha preferência óbvia para outras pessoas. Eu sempre tento...

– E você se saiu muito bem – A Sra. Dean estendeu a mão sobre a mesa para cobrir a mão da filha. – Seu pai e eu estamos muito satisfeitos com você, Philippa. Você é uma garota boa e obediente.

Ela se sentiu culpada, pois nem sempre tinha sido assim. Tinha assustado o visconde Darleigh de propósito. E correspondera-se em segredo com Julian por dois anos.

– Sua mãe está certa – concordou o pai, sorrindo amavelmente. – E, se o jovem Crabbe vier pedir a sua mão e conseguir me convencer de que é tão adequado quanto parece, então permitirei que converse com você.

– Sinto muito pelo Sr. Mendelhall – disse Philippa. – Sei que você e mamãe o aprovaram e esperavam que eu o aceitasse.

Dois dias depois, o pai chegou em casa no fim da manhã com o anúncio de que Julian o encontrara no White's Club e havia perguntado se poderia visitá-lo à tarde.



Philippa sentou-se na sala de visitas, dando pontos em seu bordado. Bordar era uma de suas atividades favoritas, mas ela mal havia tocado naquele trabalho desde que chegara a Londres. Estivera ocupada demais. E agora era difícil retomar o desenho que estava criando por si em vez de usar um livro de padrões. Além do mais, seus pensamentos estavam ocupados.

A mãe sentou-se em frente a ela, igualmente entretida.

Ele havia chegado. Julian. A mãe havia olhado pela janela – Philippa evitara de propósito fazê-lo – e o vira chegar. Ele e o sr. Dean estavam lá embaixo pelo que parecia uma eternidade sem fim.

E se ele não conseguisse convencer o pai de que seria um bom marido para ela? E se já tivesse sido mandado embora, e o pai não tivesse vindo contar?

A porta se abriu no instante em que ela teve esse pensamento horrível.

– Bem, Philippa – disse o pai depois de entrar e fechar a porta atrás dele. – Crabbe está na sala de leitura esperando para falar com você. Dei minha permissão para que ele lhe faça a corte, embora tenha afirmado que a decisão final é sua e apenas sua. Você sabe que trazê-la aqui para a temporada foi algo dispendioso, algo que eu não poderia repetir no ano que vem; não com outras

duas meninas para debutar nos próximos anos. No entanto, sua felicidade é da maior importância para mim e para a sua mãe. Se este rapaz não lhe agrada, você deve dizer a ele sem medo...

– Ah, por Deus, Geoffrey – disse a mãe de Philippa, impaciente. – Você não consegue ver que Philippa está totalmente apaixonada por ele?

Ele arqueou as sobrancelhas, colocou as mãos para trás e balançou nos calcanhares.

– Bem, *posso ver*. Mas eu...

– Obrigada, papai.

Philippa prendeu a agulha no tecido, soltou o trabalho e se levantou. Atravessou a sala até ele, abraçou-o e beijou sua bochecha.

– Eu amo Julian, papai, sempre amei. Mas também amo vocês, e lamento ter decepcionado você e mamãe há dois anos. Espero nunca mais fazer isso novamente.

E ela saiu da sala e desceu as escadas depressa, esquecendo-se da dignidade que deveria fazê-la descer muito mais devagar, como se não se importasse com o fato de toda a felicidade estar à espera do outro lado da porta da biblioteca.

O mordomo abriu, e ela entrou.

Julian estava de pé junto à janela, em elegante traje formal, com calças justas e botas lustrosas de cano alto, um casaco ajustado verde sobre a camisa de linho branco e lenço de pescoço. Estava mais bonito do que nunca e... nervoso?

Ela sorriu e conseguiu se conter para não correr pela sala até ele. Cravou os dentes no lábio inferior.

– Philippa – disse ele.

Ela piscou para limpar as lágrimas.

– Meu amor, você aceita casar comigo? – perguntou ele.

Se ela havia imaginado um joelho dobrado, um discurso poético e algumas dúzias de rosas vermelhas, a imagem desapareceu sem deixar vestígios.

– Sim – disse ela.

E se havia imaginado o belo discurso que faria depois de ele pedir sua mão, a ideia sumiu de sua mente para nunca mais ser lembrada.

Ele deu um passo na direção dela, depois outro. Ela relaxou e se moveu na direção dele.

Encontraram-se apressados no meio da sala, ambos rindo, e ele passou os braços em volta dela, levantou-a e girou-a em dois círculos completos antes de colocá-la no chão.

Mas não soltou sua cintura. Ela colocou as mãos nos ombros dele e olhou em seus olhos.

Ela nunca estivera tão perto dele antes, nem mesmo quando tinham valsado. Os braços dele nunca haviam tocado nela daquele modo, como se Julian nunca mais fosse soltá-la. Ela nunca havia sentido a rigidez, a masculinidade de seu corpo contra o dela. Nunca havia sentido o hálito cálido daquele homem em seu rosto.

Ele nunca a beijara, mas naquele momento sua boca pairava a uma polegada tentadora da sua.

– Eu te amo – murmurou Julian.

Os lábios dela se separaram, e ela olhou-o nos olhos – estava tão, tão perto dela.

– Eu também te amo.

Como as palavras podem ser falhas. Especialmente essas. Mas não importava. Não eram palavras que estavam dizendo um para o outro. Era tudo o que as palavras *significavam*.

Ele a *amava*, e ela o amava.

Ele acabou com o espaço entre eles e seus lábios tocaram os dela.

Ah, não, as palavras eram completamente desnecessárias. Só que ecoaram na mente, as palavras que todos sonham ouvir daquele alguém especial e sonham dizer.

Eu te amo.

Os braços dela se enroscaram em volta do pescoço dele, os dele a envolveram com mais força pela cintura, e se beijaram com toda a paixão de um amor juvenil.

As palavras não existiam mais.

SOBRE A AUTORA



MARY BALOGH nasceu e cresceu no País de Gales. Ainda jovem, mudou-se para o Canadá, onde planejava passar dois anos trabalhando como professora. Porém ela se apaixonou, casou e criou raízes definitivas do outro lado do Atlântico.

Sempre sonhou ser escritora e tinha certeza de que, no dia em que escrevesse um livro, ele seria ambientado na Inglaterra do Período da Regência. Quando sua filha mais nova tinha 6 anos, Mary finalmente encontrou tempo para se dedicar ao antigo sonho. Depois de três meses, a primeira versão de sua obra de estreia estava pronta.

Publicada em 1985, a obra deu a Mary o prêmio da *Romantic Times* de autora revelação na categoria Período da Regência. Em 1988, ela passou a se dedicar apenas aos livros.

Hoje é presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times* e vencedora de diversos prêmios literários. Sua série Os Bedwyns foi publicada no Brasil pela Arqueiro e já vendeu 100 mil exemplares.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE MARY BALOGH

OS BEDWYNS

Ligeiramente perigosos



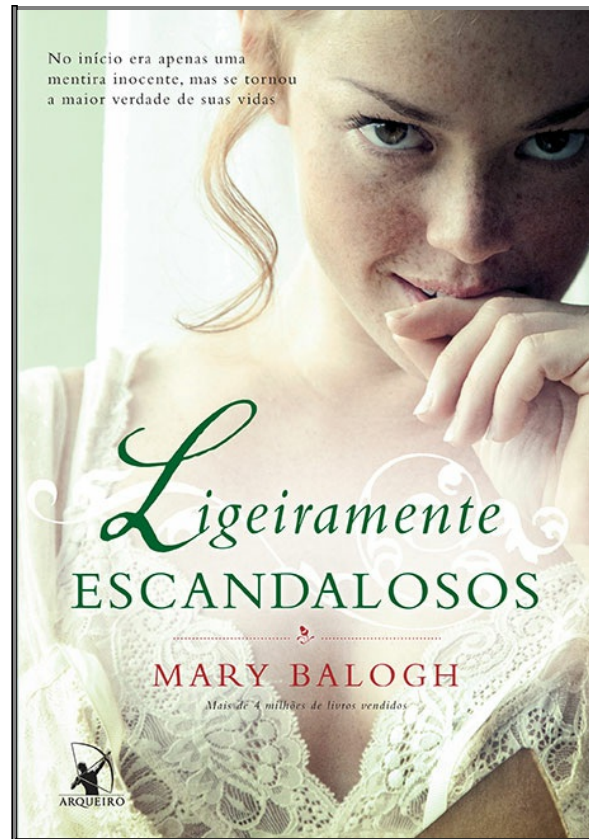
Ligeiramente pecaminosos



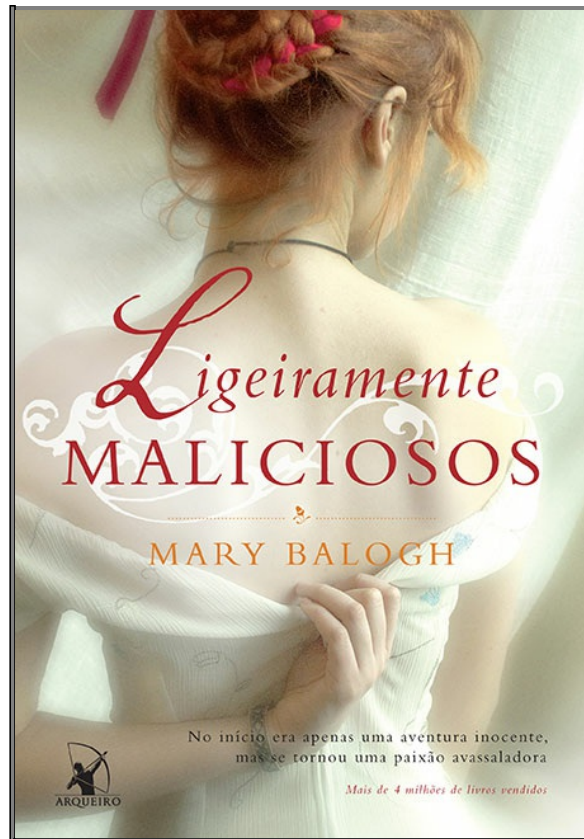
Ligeiramente seduzidos



Ligeiramente escandalosos



Ligeiramente maliciosos

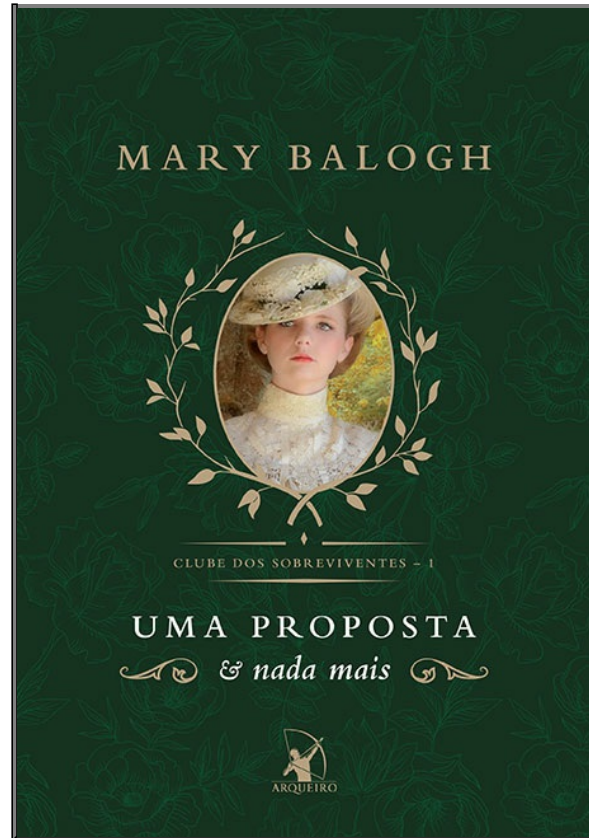


Ligeiramente casados

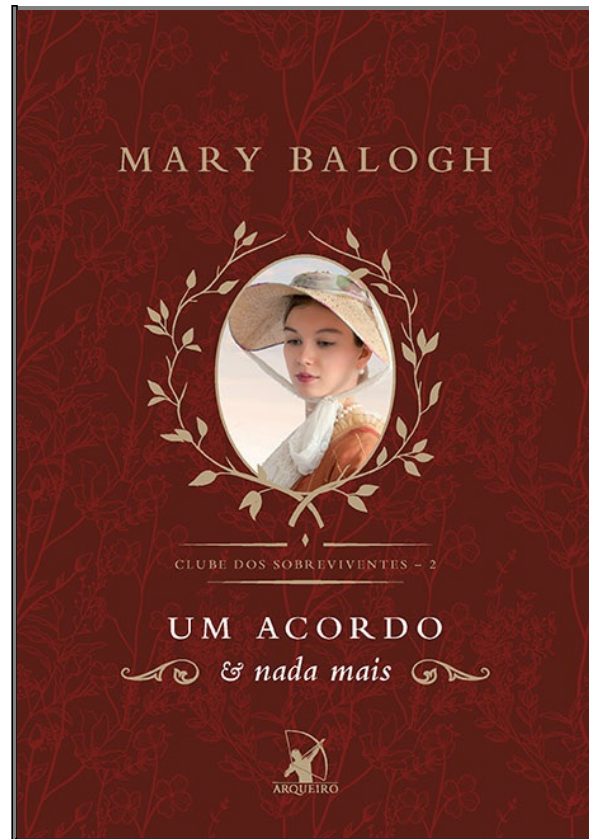


CLUBE DOS SOBREVIVENTES

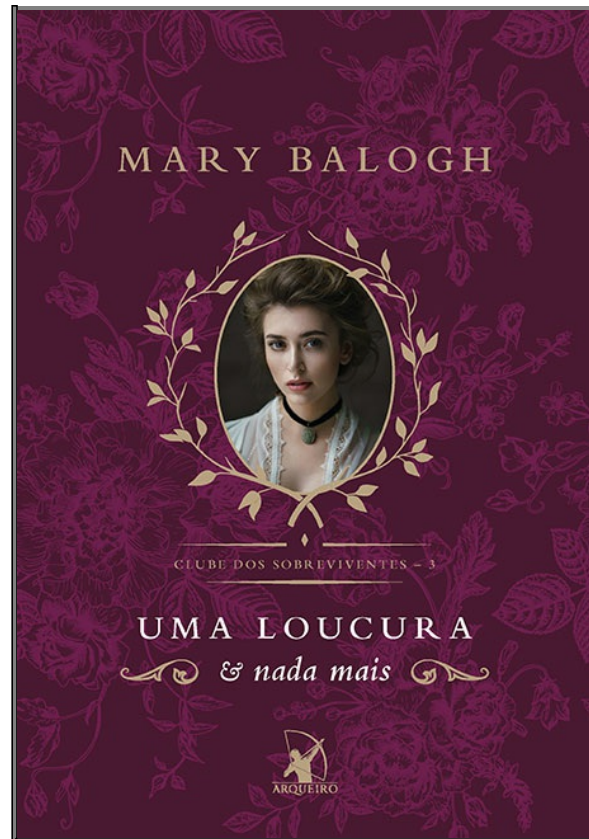
Uma proposta e nada mais



Um acordo e nada mais



Uma loucura e nada mais



Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

Editoraarqueiro.com.br



MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES - 3

UMA LOUCURA
& nada mais



Uma loucura e nada mais

Balogh, Mary 9788580419740

272 páginas [Compre agora e leia](#)

Depois de sobreviver às guerras napoleônicas, Sir Benedict Harper está lutando para seguir em frente e retomar as rédeas de sua vida. O que ele nunca imaginou era que essa esperança viesse na forma de uma bela mulher, que também já teve sua parcela de sofrimento. Após a morte do marido, Samantha McKay está à mercê dos sogros opressores, até que planeja uma fuga para o distante País de Gales para reivindicar uma casa que herdou. Como o cavalheiro que é, Ben insiste em acompanhá-la em sua jornada. Ben deseja Samantha tanto quanto ela o deseja, mas tenta ser prudente. Afinal, o que uma alma ferida pode oferecer a uma mulher? Já Samantha está disposta a ir aonde o destino a levar, a deixar para trás o convívio com a alta sociedade e até mesmo a propriedade que é sua por direito, por esse belo e honrado soldado. Mas será que, além de seu corpo, ela terá coragem de lhe oferecer também seu coração ferido? As respostas a todas as perguntas talvez estejam em um lugar improvável: nos braços um do outro. "Uma história de duas almas feridas que, juntas, descobrem o poder do amor. Este livro mostra que o amor fortalece, cura e redime." – RT Book Reviews "Uma heroína que nunca se sentiu valorizada e um herói em busca de um novo propósito aprendem a viver cada momento ao máximo. Este livro terno, perspicaz e lindamente construído reluz de esperança e amor." – Library Journal [Compre agora e leia](#)



Ligeiramente PERIGOSOS

MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos



No início era apenas antipatia, mas logo eles
foram dominados por uma impetuosa paixão

Ligeiramente perigosos

Balogh, Mary 9788580416466

304 páginas [Compre agora e leia](#)

Aos 35 anos, Wulfric Bedwyn, o recluso e frio duque de Bewcastle, está ávido por encontrar uma nova amante. Quando chega a Londres, os boatos que correm são os de que ele é tão reservado que nem a maior beldade seria capaz de capturar sua atenção. Durante o evento social mais badalado da temporada, uma dama desperta seu interesse: a única que não tinha essa intenção. Christine é impulsiva, independente e ativa – uma mulher totalmente inadequada para se tornar a companheira de um duque. Ao mesmo tempo, é linda e muito, muito atraente. Mas ela rejeita os galanteios de todos os pretendentes, pois ainda sofre para superar as circunstâncias pavorosas da perda do marido. No entanto, quando o lobo solitário do clã Bedwyn jura seduzi-la, alguma coisa estranha e maravilhosa acontece. Enquanto a atração dela pelo sisudo duque começa a se revelar irresistível, Wulfric descobre que, ao contrário do que sempre pensou, pode ser capaz de deixar o coração ditar o rumo de sua vida. Em *Ligeiramente perigosos*, o sexto e último livro da série *Os Bedwyns*, Mary Balogh conclui a saga desta encantadora família em uma trama repleta de cenas sensuais, tiradas espirituosas e personagens à frente de seu tempo. Ao unir um homem e uma mulher tão diferentes, ela mostra que o resultado só poderia ser um par perfeito. "Esse livro tem o humor e os ecos deliciosos de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen. Uma conclusão extraordinária para uma série encantadora." – Publishers Weekly

[Compre agora e leia](#)

MAIS DE 500 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

NORA
ROBERTS

CRÔNICAS DA ESCOLHIDA LIVRO 1

ANO
UM



QUANDO ESTE MUNDO ACABA, UM NOVO COMEÇA

Ano Um

Roberts, Nora 9788580419702

400 páginas [Compre agora e leia](#)

QUANDO ESTE MUNDO ACABA, UM NOVO COMEÇA. Tudo começa na noite de Ano-Novo. Uma doença se alastra rapidamente. Em questão de semanas, a rede elétrica para de funcionar, as leis e o sistema de governo entram em colapso e mais da metade da população mundial é dizimada. Enquanto a ciência e a tecnologia perdem influência, a magia cresce. Por toda parte, pessoas descobrem em si poderes que jamais imaginaram. Alguns procuram fazer o bem, como Lana e o namorado, Max, mas a súbita onda de poder também deturpa mesmo aqueles que pareciam incorruptíveis. Fugindo das autoridades que patrulham as ruas devastadas, Lana e Max resolvem deixar Nova York e rumar para um lugar seguro. Outros viajantes também seguem esperançosos: Chuck, um gênio da tecnologia que mantém o bom humor em um mundo off-line; Arlys, uma jornalista que insiste em buscar e registrar a verdade; Fredinha, uma jovem com habilidades fluorescentes; Rachel e Jonah, uma médica e um paramédico determinados a proteger uma mãe e seus três bebês recém-nascidos. Em um mundo em que cada estranho no caminho pode representar a morte ou a salvação, uma profecia ancestral é capaz de transformar a vida de todos os sobreviventes. O fim chegou. O início é o que vem agora. "Ano Um se equipara em intensidade a grandes clássicos apocalípticos como A dança da morte, de Stephen King." – The New York Times "Eletrizante e arrebatador... Um romance intenso, hipnotizante e intrigante que sem dúvida vai ampliar ainda mais a legião de fãs de Nora Roberts." – Kirkus Reviews [Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir
às mais duras provocações?

Da autora
de **DESEJO**
PROIBIDO

eternamente
 você

SOPHIE JACKSON



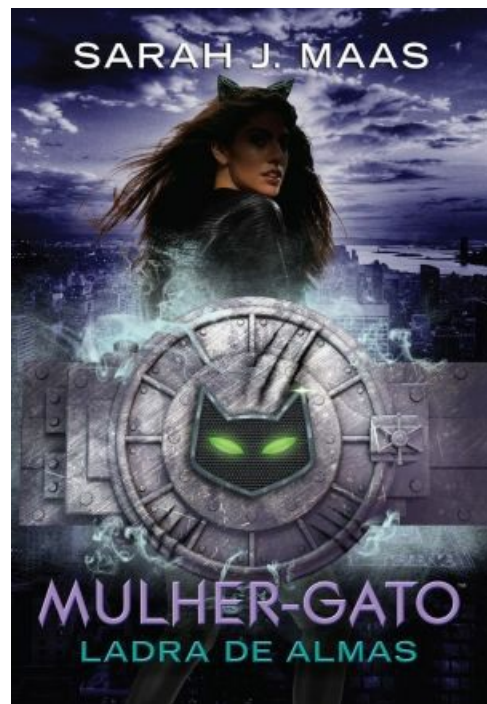
Eternamente você

Jackson, Sophie 9788580414820

80 páginas [Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)



Mulher-Gato

Maas, Sarah J.

9788580419726

352 páginas [Compre agora e leia](#)

No passado, Selina Kyle vivia no submundo de Gotham, cometendo pequenos delitos para sustentar a família. Quando a mãe a abandonou, a jovem precisou tomar uma difícil decisão e entregou a irmã nas mãos de um casal que poderia cuidar bem melhor dela, longe da pobreza. Dois anos depois, Selina retorna como a rica e misteriosa Holly Vanderhees. O que a trouxe de volta à cidade? E o que vai aprontar agora que tem como parceiras Arlequina e Hera Venenosa? Com Batman fora em uma missão vital, Luke Fox quer provar que pode ajudar os habitantes de Gotham usando o disfarce de Batwing. Seu alvo é a nova gatuna que se uniu às duas rainhas do crime. Juntas, as três instauram o caos. Em meio a um jogo de segredos, mentiras e furtos, Selina se engalfinha à noite com Batwing, e se enrosca de dia com Luke Fox. Em uma trama que vai roubar o fôlego dos leitores, Sarah J. Maas mostra os primeiros momentos da ardilosa Mulher-Gato como uma das anti-heroínas mais ambíguas e amadas do mundo. "Sarah J. Maas sabe construir protagonistas determinadas e cheias de nuances. As cenas de luta repletas de ação, a diversidade racial e sexual e uma pitadinha de romance vão agradar aos fãs da Mulher-Gato. Um grande livro para todas as garotas que sabem se divertir." — Kirkus Reviews "Esta é a Mulher-Gato com o toque especial de Sarah J. Maas." — Entertainment Weekly [Compre agora e leia](#)